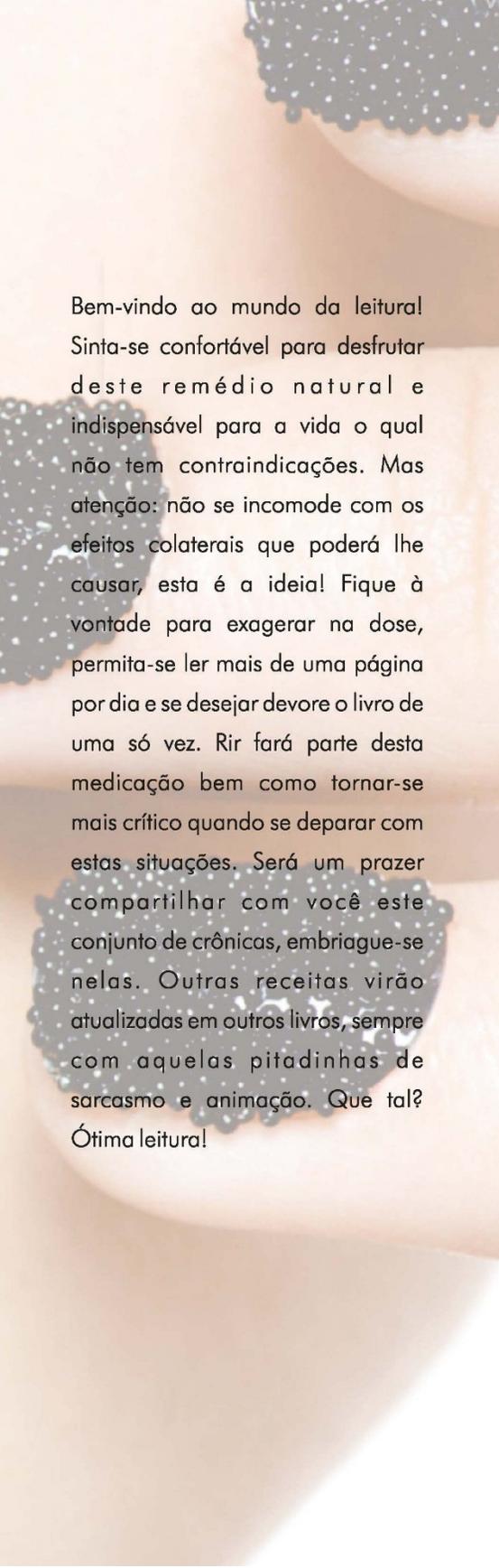




Louca **MENTE**
ousada



Bem-vindo ao mundo da leitura!
Sinta-se confortável para desfrutar deste remédio natural e indispensável para a vida o qual não tem contraindicações. Mas atenção: não se incomode com os efeitos colaterais que poderá lhe causar, esta é a ideia! Fique à vontade para exagerar na dose, permita-se ler mais de uma página por dia e se desejar devore o livro de uma só vez. Rir fará parte desta medicação bem como tornar-se mais crítico quando se deparar com estas situações. Será um prazer compartilhar com você este conjunto de crônicas, embriague-se nelas. Outras receitas virão atualizadas em outros livros, sempre com aquelas pitadinhas de sarcasmo e animação. Que tal? Ótima leitura!

Louca*MENTE* ousada



Margarete Bin

Louca*MENTE* ousada

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2016

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

E-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sítio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4,0 Internacional;

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisado pelo autor em: 03/11/2016

B612l Bin, Margarete

LoucaMENTE ousada [recurso eletrônico] / Margarete
Bin. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2016.
1,9 Mb ; PDF.
ISBN 978-85-8326-255-8

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Crônicas. I. Título.

CDU: 869.0(81)-94

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Sumário

Agradecimentos	9
Dedicatória	11
Estreia	13
A “era” da perfeição	14
Mudou? Mudou. Mudou!	16
Burocracia ou <i>Burrocracia</i> ?	18
O que você faria!	19
Deu a louca nas borboletas	20
Somos criaturas frágeis	22
O famoso jeitinho...	23
Mulher de contos de fadas	24
???	25
Ritos de passagem	26
Será que somos ansiosos?	28
Urgente	30
O retorno	31
Cada caso é um caso	32
Do que somos capazes?!- I	33
Do que somos capazes?! - II	34
Falta educação no trânsito	36
Elogio é bom e eu gosto!	38
Mulheres “cabeça”	39
Você e o coelhinho	41
Um simples pic...	42
Conquista	43
Configurando a vida	44
Loucas por consumo	46
Páscoa sem ovos, é possível?	47
Pobre sogra....	48
Eba! Festa!!!	49
Fica com medo não....	51
Coisas esquisitas	52

Mãe, o escudo permanente	53
Brasil, meu Brasil brasileiro...	54
A mentira e suas pernas	55
Início dos relacionamentos	56
O que está acontecendo?	58
Esvaziando o momento de significado	60
Contágio	61
Que tal falarmos um pouco sobre...	62
Um gesto muda tudo	64
“Arraiá” junino	66
Filosofando com Garfield	67
O que aconteceu com a criatividade?	68
“Bolas murchas”	69
A hora da verdade I	70
Os invasores	71
O preço do prazer	72
Amanhã é um dia muito especial	74
Delete-me, por favor!	75
A finalidade das listrinhas...	76
A veracidade dos fatos	77
Pai: Você define!	78
Manias e idiossincrasias	79
Mas bá, tchê!	81
Invertendo papéis	82
Marga em apuros	83
O indispensável guarda-chuva	84
Qual é o seu problema?	86
A denominação das pessoas	87
Assaltante devolve o troco	89
Filosofia chinesa	90
Foi bom para mim...	91
Admita, você já mudou	92
Gafes, quem nunca as cometeu?	93
O nosso big brother acontece aqui!	94
Gostosuras ou travessuras?	95

Imaginar é viver	96
A bola rola	97
Será que o dia foi bom?	98
Heróis ocultos	99
A cortesia é por conta da casa	100
Somos um misto: presente, passado e futuro	101
Exclusividade	102
Família eh! Família ah!	103
Síndrome da complicação	104
É o seu?	105
Elas x eles	106
Veja você mesmo	107
Pão-duro	108
Envelhecer sem neuras	109
Pular etapas	110
Quer saber como funciona a Guerra?	111
Dorme nenê...	112
Resistência	113
A palavra é...	114
Geração “Z”	115
A medida certa	117
Vítimas ou culpados?	119
Medo por quê?	121
Pretexto para falar da vida	122
Os que incomodam que se retirem...	123
Tudoooo de bom!	124
Unindo o útil ao agradável	125
Em clima de festa	126
Voltando pra casa	127
Eu e eu	128
Fugaz	129
Não sou Rosi, não fui e de repente serei	130
Vícios	131
O que significa...	132
Olha o ano novo aí gente!	133

Fora do controle 134
A 8ª Maravilha! 135
Cuidado, cão bravo! 136
Vida alheia 137
Crer ou não crer, eis a questão! 138
Enfim... Férias! 140
Valorização 142
Ousadia 143

Agradecimentos

Agradeço aos leitores por compartilharem dos temas aqui apresentados.

A editora pelo empenho e confiança neste trabalho.

Dedicatória

Dedico este livro ao meu esposo Flávio e ao meu filho Lucas que me acompanharam na confecção dos textos, sugerindo e apoiando-me para a realização deste livro. Como sempre maravilhosos!

Estreia

Circo chegando na cidade, população ansiosa para a estreia do espetáculo, era assim a vinte anos atrás e ainda é em alguns lugares do Brasil.

A estreia faz parte de nossa vida e causa alvoroço, agitação, ansiedade e em algumas situações angústias.

Seguidamente estamos estreando, damos o direito de sermos a atração do espetáculo.

Hoje para mim é a estreia de um novo espaço de escrita. Escrevo já a algum tempo. Já fui colunista de jornais de algumas cidades do RS, conquistei fiéis leitores e tenho certeza de que aqui, pelo livro impresso, não será diferente.

Público estimado, com você esta cronista e escritora a qual tem o maior prazer em escrever textos, sejam todos bem-vindos a este primeiro livro, no qual, de forma descontraída e crítica, desfilará vários temas sem preconceito de idade, religião, cor de cabelo, amizade, situação financeira, grupo sanguíneo, etc,etc,etc.

Espero vocês e juntos poderemos rir, nos sensibilizar ou chorar, que tal?

A “era” da perfeição

Bem-vindos a geração em que tudo deve ser perfeito. A beleza física é o item primordial, principalmente para as mulheres. Em se tratando das misses, estas conseguem verdadeiras transformações em seus corpos, provocando insatisfação pessoal em muitas mulheres que as admiram pela telinha. E o que dizer das capas de revistas, onde mulheres perfeitas posam para mostrar a lei da beleza física imposta por nossa sociedade com mulheres saradas, sorridentes e felizes?

E por falar em felizes, esta é a outra lei da perfeição. Ser feliz a qualquer custo, associando, muitas vezes, dinheiro e felicidade. Mas não é só isso, o sofrimento também deve ser evitado custe o que custar.

Todas as pessoas estão propícias a passar por perdas, obstáculos, mas diante de uma sociedade que privilegia o sucesso, perdemos a noção que sofrer faz parte do crescimento e pode nos ajudar a lidar com dificuldades futuras. É como se estivesse imposto em um *outdoor*: “Diga não a dor, sofrer é para os fracos”.

Muitas receitas nos são passadas de todos os lados: dançar, redes sociais, viagem, religião, terapia, e caso elas não ajudem, a sugestão é ficar trancado em casa para não incomodar aqueles que estão envoltos nesta utopia ou diria obsessão pelo primoroso.

O sorriso está estampado por todos os lugares. Caras tristes só quando se inicia uma propaganda de carro, que em seguida, essa tristeza desaparece e vem a felicidade imediata quando o personagem é presenteado com o automóvel tão desejado.

Nossa sociedade também exige que sejamos os primeiros, não há lugar para meio termo. Com isso o provérbio muda: “Os últimos serão os excluídos”. Pobres virginianos em meio a tudo isso, sendo perfeccionistas ao extremo, será que sobreviverão???

Pensadores e cientistas preocupados em demasia começam a tentar prever o futuro e isso incita a querer que as novas gerações também devam ser perfeitas. Sendo assim, não há lugar para o erro. Por que, então, as pessoas ainda continuando errando? Será que o erro não

está em justamente tentar eliminar o outro a fim de conseguir a perfeição por meio da concorrência desleal e desmedida?

Terrível engano pensar que a tentativa de proibir causará realmente a proibição, afinal tudo que é proibido é mais gostoso. Assim, se liguem: é preciso regras, mas sem ferir a individualidade. Além do mais, não é próprio do ser humano ser perfeito, basta rever nossa história e aí vai longe...

Mudou? Mudou. Mudou!

Talvez muitas coisas que vou falar ainda aconteçam, mas o fato é que na maioria das vezes mudou...

Hoje as mulheres podem deixar seus cabelos compridos independente da idade: 50, 60 ou 70 anos. Elas não necessitam mais usar terno para demonstrar competência como executivas. Quando se tornam vovós não precisam ter a aparência de velhas e acabadas.

O que percebemos atualmente é que nós podemos ousar mais, nosso decote abaixou, nossa saia encurtou, mas só vale para passeios e baladas, pois no trabalho continua prevalecendo a discrição. Usar óculos de grau é charme, usar aparelho nos dentes é status. Mulheres sem culpa desfilam suas enormes barrigas e acreditem são felizes. Temos liberdade de expressão.

De um lado mulheres eufóricas festejam a Lei Maria da Penha, de outro lado, ainda se ouvem as vozes: dói, um tapinha não dói... Contudo, temos que concordar que elas hoje são mais independentes e comunicativas. Mulheres de todas as idades têm sua rede de relacionamentos na internet. Mães podem sair com as amigas para um *happy hour* e nem por isso deixam de serem mães.

Assim como a mudança de pensamento também temos mudanças na forma de se vestir. Em qualquer idade as mulheres acompanham as tendências do momento, usam e abusam dos acessórios, a cor das unhas altera a cada estação, a moda no geral agora é descombinar, pois a regra do combinar isto com aquilo foi por água abaixo...

Uma coisa ainda é certa, continua imperando a lei da magreza (droga!). Ah, eterno regime, nunca sai de moda! Já a vulgaridade veio com tudo!!! Martinho da Vila poderia ter acrescentado na sua música “Mulheres” o seguinte verso: Já tive mulheres de todas as frutas, de vários sabores...

É difícil definir um perfil de mulheres, somos muitas, umas preocupadas com o impacto causado pelo comportamento, outras em

cima do muro e as “tô nem aĩ”. Mas o importante é continuarmos em cima do salto, concordam mulheres?

Burocracia ou *Burrocracia*?

É muito irritante você chegar em um estabelecimento e os colaboradores ficarem lhe passando de setor em setor para você tentar resolver o seu problema.

Por telefone acontece o mesmo, você liga e a ligação vai rodando. Ainda, cada pessoa que atende pede tudo e não resolve nada. Muitas vezes você tem o nome do responsável da área que você precisa, porém, a atendente questiona sobre o que seria e você conta tudo: nome da mãe, da vó, da tia, histórico escolar, quadris, cintura, plano de saúde, entre outros... No final, a atendente (coisa mais linda do mundo) diz: a fulana não está!

Bom seria se fosse encaminhado para o setor certo e neste local as pessoas solucionassem o que você precisa, pois também acontece de você chegar no setor certo e a pessoa responsável pelo atendimento não facilitar. Ela vai solicitando documentos e você vai afirmando que tem, de repente ela dá o *check mat* e pede a certidão de sua avó, ah! A alegria dela aconteceu, esse documento você não tem! “Infelizmente” você terá que voltar outro dia!

Já fui a um estabelecimento e me senti a bolinha do jogo de pebolim (jogada de um lado para outro), saí de lá com o intuito de obter a solução em dois dias.

Em dois dias retornei, mas as garotas que me atenderam anteriormente não estavam lá. Fui então encaminhada para o primeiro lugar que estive naqueles dois dias atrás e a atendente (deveria ser a 333^a que me atendia para o mesmo problema) me deixou na estaca zero, disse que o setor responsável era este, as informações não eram aquelas que eu tinha, pois, o outro setor não havia dado as informações corretas. O que você faz numa hora dessas? Chora, grita ou utiliza tratores....

O que você faria!

É interessante você ler livros de um mesmo autor e compará-los. Danielle Steel em “Recomeços” e “Desencontros” inicia os livros apresentando casais que vivem um excelente relacionamento, com a carreira em ascensão, filhos também perfeitos. Depois acontecem os problemas familiares. Ainda, se destaca que aparecem nos dois livros o mesmo nome para os personagens: Daphne. Num dos livros tal denominação é para a amante de um dos personagens, no outro, ela, diríamos assim, parte de uma “amizade colorida”.

Entre fatos semelhantes, a autora nos coloca uma questão interessante pelo desenrolar da história: Você abandonaria seu marido e filhos (uma família maravilhosa) para realizar seu sonho diante de uma oportunidade de estudar longe deles?

Na ficção a autora disse sim e os desafios iniciam aí. Difícil decisão, acredito que na realidade dividiria muita gente...

Deu a louca nas borboletas

Chuva caindo, vejo borboletas revoando no céu e se aproximando em bando da sacada, unidas, como se estivessem protestando alguma coisa. Aponto para o bando e mostro para meu filho e digo: Deu a louca nas borboletas!

Penso, em quantas vezes nós temos esses ímpetos, sozinhos ou em bandos, saímos do nosso normal e somos tachados de loucos, malucos, por estarmos em momento de bobeira; o termo que você preferir.

Nesses nossos surtos, palavras são ditas sem pensar, falamos muitas “abobrinhas” (gíria por conta da minha adolescência) e fizemos coisas imprevisíveis. Nosso recurso enquanto mulheres é colocar a culpa na TPM.

Diríamos que este agir por impulso, às vezes, é melhor do que ficar estagnado, só meditando, meditando e meditando. Também não significa sair por aí fazendo tudo que der na telha. Um pouco de precaução nunca fez mal a ninguém.

A vida é feita de escolhas e com isso há geralmente duas situações em que nos confrontamos e precisamos optar: dois amores na adolescência que esperam pela nossa decisão, comer um doce ou uma fruta, marcar uma das duas alternativas que nos deixam em dúvida em vestibulares e concursos, ir à academia ou assistir a um filme, esquerda ou direita, dormir a manhã toda ou levantar cedo. Duelos à parte, só cabe a nós escolhermos a direção, seja certa ou errada.

Nas situações que as nossas atitudes “saem do normal”, muitas pessoas ao nosso redor acostumadas com o nosso jeito de ser acreditam que piramos de vez. O que estas pessoas não sabem é que passamos às vezes por uma “metamorfose”, assim crescemos, superamos os limites e buscamos inovações.

Somos eternas borboletas em transformação procurando encontrar a liberdade e a individualidade. Ser ou não ser: eis a questão! Saudações a Shakespeare. Igual a vários artistas privilegiados (Van Gogh, Franz Kafka), teve maior ascensão após a sua morte. Também se

assemelha àqueles que venderam seus álbuns póstumos: Amy Winehouse, Elvis Presley, Michael Jackson, Janis Joplin, John Lennon, Freddie Mercury, e Frank Sinatra.

É mister refletir: precisamos partir e sobrevoarmos outras dimensões para sermos compreendidos e lembrados pelo mundo?

Somos criaturas frágeis

Assisti a um casamento, ao participar da cerimônia surgiu o conteúdo para a crônica. Basta a noiva entrar e nossa inteligência emocional “não rola”. A saída é pensarmos em outra coisa e tirarmos o foco daquela situação para evitar que lágrimas escorram e nos deixem borradas. Alguns ainda aproveitam o embalo da emoção da hora para lacrimejar por outros motivos. Mas convenhamos que a música, muitas vezes, não ajuda, a melodia é de tristeza e não de um momento feliz. Claro que não estou dizendo para os noivos serem adeptos a partir de agora de pagode, funk, mas uma musiquinha mais animada sempre ajuda a entrar no clima.

Também não há como negar que somos vulneráveis a beleza estonteante da noiva (não há noiva feia) e o noivo nos comove com a forma que se apresenta: mescla de calor com desespero. E além de contarmos com os protagonistas dessa história, há coisas que realmente merecem nossa atenção e nós ou percebemos e não nos importamos ou talvez não notamos.

Um exemplo disso é que dificilmente não encontramos um bebê a entoar o “seu musical”. Neste casamento específico a que assisti, uma criança alternava choro com gritos pela igreja durante o sim dos noivos. Estes, já apreensivos pelo momento sussurravam as palavras, mesmo tendo o auxílio do microfone, assim supomos que na hora do sim tenha sido realmente proferido um sim, digamos que o nenê não estava colaborando... Outro ponto que merece destaque e contribui para que os sentimentos aflorem é a decoração, esta não passa despercebida, já que as flores nos comovem. Mas se tiver uma vela acesa junto ao arranjo, foi-se nossa atenção, pois a preocupação é com a vela, pois geralmente tem uma que não ficou bem colocada e está prestes a se estatelar.

Por ora é isso, veja que ainda não cheguei na parte da festa, o que me dará subsídios para outros textos...

O famoso jeitinho...

Você já reparou que o “jeitinho brasileiro” não cai de moda?
Ele está impregnado por todos os lugares.

Basta ir a um show e você se depara com pessoas que chegam atrasadas e querem que você (que chegou cedo para encontrar um bom lugar) se aperte, desloque-se de onde tem uma visão panorâmica, dê um jeitinho a fim de que elas possam ocupar o seu espaço.

E famosos “furões de fila” que chegam e dizem que só precisam pedir uma informação ao atendente (muitas vezes conhecido deles), essa tal informação geralmente demora mais do que o tempo que você levaria para resolver a sua necessidade.

Além disso, presenciamos constantemente pessoas que vão às festas sem serem convidadas, alegando à recepcionista que esqueceram o convite, mas que pode ter certeza elas foram convidadas.

Já conversou com um sujeito que geralmente consegue um ingresso gratuito para ir aos eventos? Esta pessoa tem sempre um conhecido que é amigo de outro conhecido de outro amigo, enfim, é uma corrente: alguém que consegue um jeitinho para descolar o ingresso.

Muitas regras são burladas em prol desse jeitinho... É importante ressaltar que o autor Lourenço Stelio Rega descreve o jeitinho como um escape para situações impossíveis de serem realizadas de modo convencional.

Se existir a possibilidade de se fazer ou alcançar o objetivo de forma correta e esta é ignorada usando-se o jeitinho como um atalho para agilizar o processo, ele deixa de ser “jeitinho” e se transforma em desvio de caráter.

É, esse jeitinho pelo jeito não tem mais jeito!

Mulher de contos de fadas

Fiquei pensando o que eu poderia escrever este ano para vocês neste dia dedicado às mulheres e assim surgiu a ideia de nos fazermos de vítimas, já que temos um mísero dia para comemorar e ele surgiu em razão de manifestações das mulheres.

Como devemos nos mostrar cheias de compaixão com nós mesmas nesta data, nada melhor do que exemplificar lembrando dos exames de rotina pelos quais passamos todos os anos. Eu não sei você, mas eu fico extremamente sensível. Começa pelo avental o qual fico sempre nadando dentro dele, nada deslumbrante o modelito. O fator simpatia da “ajudante do dia” que são as meninas que auxiliam ou as técnicas para aplicar os exames, colabora bastante, mas não resolve tudo.

Naquele local, é só você e aquela parafernália de equipamentos. São pedidos para que você erga mãos para cima, mãos para baixo, cabeça para frente, não se mexa agora; tudo muito programado.

Acho que posso piorar o lado sofredor feminino o qual desejo demonstrar neste dia “especial”, lembrando da TPM, esta não tem preconceito com ninguém não minha filha, é um arrastão, pega geral e a tendência, segundo os estudos, é que com o tempo ela vá se agravando.

Mas fica tranquila, ainda somos princesas, principalmente porque a maioria delas se adequa ao papel que desejo demonstrar hoje, o de coitadinha: Cinderela (sempre apressada, perde sapato, perde chaves, perde celular...), Branca de Neve (tem um espelho amigo na história que ajuda disfarçar as imperfeições, além da mocinha gostar de uma faxina), Rapunzel e suas madeixas (já vi esse filme em algum lugar... corta, troca a cor, corta, faz escova definitiva, corta, troca cor, é uma cadeia de movimentos...), Bela Adormecida (vai aprender afazeres domésticos e se espeta, sem jeito para essas atividades, além de dormir “um pouquinho” nas horas de folga...).

Com essa arrasei, não é mesmo meninas? Quem sabe no próximo ano, por compaixão, nos dão dois dias de “festa”, um dos dias vem de brinde no pacote!

???

Há sempre um ponto de interrogação em nossa vida.

Esse ponto nos acompanha desde que começamos a falar: Por que isso... Por que aquilo...

Crescemos e continuamos com indagações. Provavelmente porque na infância nossos porquês não nos foram respondidos devidamente.

Aquelas velhas perguntas feitas às mães pelas crianças: Por que tenho que comer tudo? Por que tenho que estudar? Por que minha coleguinha é má e ganhou mais presentes do que eu no natal?

As respostas corretas seriam: Aproveita comer tudo agora, porque você passará a vida adulta de dieta! Estude, pois o aprendizado fará parte de você durante toda sua existência. Sua amiguinha ganhou mais presentes porque... porque... porque...

Depois, já adultos, continuam as lamentações e as perguntas não mudam muito...Por que não posso comer chocolate, sanduíche, bolo? Por que estudo, estudo e não sou promovida? Por que minha colega ou meu colega não se esforça e tem um salário melhor do que o meu? Por quê? Por quê?

Não é à toa que Arnaldo Jabor comenta: “Vivemos sob pequenas bobagens que nos enlouquecem”.

Tolerância Zero! Por quê?

Ritos de passagem

Nossa vida é composta por rituais. Nascemos e muitas pessoas já se deparam com o primeiro deles: o batismo. As datas comemorativas também fazem parte do nosso rol de rituais, mas convenhamos que o Natal, a Páscoa e o aniversário nos acompanham entra ano e sai ano.

Podemos acrescentar ainda a transição da criança para a adolescência, à qual figura como um ritual de passagem que é muito marcante nos jovens (e para aqueles que os acompanham!). Temos como exemplo, os garotos de uma tribo amazense. Estes jovens devem colocar as mãos dentro de uma luva com formigas, cuja mordida é praticamente 20 vezes mais dolorida que a de uma vespa e ainda estes meninos tem que dançar munidos desta “luvinha”, tudo para provar a masculinidade. (Digamos que a passagem por aqui é mais tranquila!!!).

Com relação às meninas, citemos um ritual nigeriano, onde as jovens recebem alimentos pesados por um período para engordarem. Vamos combinar, para nós brasileiras não seria nada, nada difícil esta tarefa!

Prosseguindo nossa listinha de rituais, temos as passagens de ano na escola, em que muitos pais, por considerarem um marco importante na vida dos estudantes, prometem mundos e fundos se os filhos conseguirem alavancar o ano vindouro na próxima série, já outros pais presenteiam seus filhos por considerarem um merecimento. As formaturas também são ilustrações de ritual.

Agregam-se a elas as festas de quinze anos e os casamentos.

E o tradicional trote aplicado aos calouros quando ingressam na graduação? É importante registrarmos que a brincadeira sem violência começou na Idade Média, na Europa, em que candidatos a uma nova vaga assistiam às aulas numa antessala e ficavam com o material dos veteranos. Esta sala chamava-se vestibulo, daí o nome vestibular, ou seja, a passagem obrigatória para se chegar à universidade. Quando o estudante era aceito, os veteranos o recebiam com várias brincadeiras.

Ainda, está na lista dos rituais o chá de panela que a noiva proporciona antes do casamento, o chá de bebê, entre outros, conforme a cultura de cada região.

O importante neste contexto de ritos são as mudanças significativas pelas quais passamos dentro de uma sociedade, transições essas que foram instituídas e nos tornam parte do coletivo e conseqüentemente sofrem transformações na forma de comemorá-las.

Como você administra seus rituais?

Será que somos ansiosos?

Estamos no século da ansiedade. A autora Ana Beatriz Barbosa Silva discute no livro “Mentes ansiosas-medo e ansiedade além dos limites” as várias neuras que temos às quais nos perseguem e atrapalham nossa rotina.

Diante do redemoinho da competitividade, da pressa, das exigências, do consumismo sem freio e das inovações constantes da sociedade contemporânea, muitos de nós somos tomados pelos sentimentos de ansiedade. Os transtornos de ansiedade são reflexos de nossos dias. Assim, esta leitura do livro citado acima veio a calhar com o que eu havia esboçado sobre o tema e agora relaciono abaixo.

Basta pensarmos em algumas situações pelas quais passamos no cotidiano. Se lermos um livro queremos ler depressa até terminar. Se aguardamos uma ligação e o telefone não toca achamos que vamos ter um piripaque. Temos uma festa programada e a espera por ela parece eternidade. Quando andamos queremos chegar rápido. Quando comemos queremos terminar logo e para isso comemos mais e mais ligeiro. Quando esperamos uma carona temos a sensação de que vamos infartar caso ela demore. Se as férias demoram enlouquecemos, mas se as mesmas não acabam, enlouquecemos também (fazer o quê?).

Ansiosos por dormir, ansiosos por acordar. Ansiosos por escrever. Com calafrios para falar, suamos para terminar. Ao esperarmos por uma resposta, não dormimos à noite. Ansiosos para o filme começar e para o filme terminar. Ansiedade que se manifesta num concurso, ansiedade no vestibular, ansiedade para decidir a profissão, ansiedade numa entrevista de emprego. Ansiosos por um filho nascer, ansiedade para vê-lo crescer. Ansiosos para ter um visual perfeito e com isso ansiosos por emagrecer. Ficamos apreensivos por falta de dinheiro e por muito dinheiro.

Mas não é de todo ruim essa tal de ansiedade. Psicólogos da Universidade Stanford provaram que pessoas mais ansiosas perdem menos dinheiro em investimentos financeiros de risco, pois quem se preocupa demais aprende mais rápido quando o risco de perder dinheiro

é real. Ou seja, a ansiedade imposta por nós mesmos, muitas vezes, pode salvar nossa pele!

Portanto, devemos rever a forma como estamos lidando com a nossa vida e não superdimensionarmos as situações de contratempo a fim de não sofrermos com a ansiedade.

*“Devia ter complicado menos
Trabalhado menos
Ter visto o sol se pôr
Devia ter me importado menos
Com problemas pequenos...”*

Sérgio Britto (Titãs) – Epitáfio

Obs. Outro dia escutei em um filme a expressão “capacete de estresse”, o qual serve para diminuir a tensão. AMEI. Seria sucesso nacional caso fosse comercializado!

Urgente

É urgente
É urgente acreditar que tudo poderá ser diferente
Que ainda é possível confiar nos seres humanos
Que as promessas sejam cumpridas
Que há amigos verdadeiros
Que os olhares que se encontram terão um final feliz
Que o respeito voltará a reinar entre as pessoas
Que as notícias consideradas urgentes sejam realmente urgentes
Que se revejam as preferências por nós valorizadas a fim de não se tornarem obsessão
Que se aprenda a agradecer, bem mais do que pedir
Que a tolerância sobreviva com tantas revoltas em nós incrustadas
Que as pessoas se disponibilizem a ajudar as outras e não pensar apenas no seu umbigo
Que o sentido da vida seja realmente compreendido pelos indivíduos
Que a prioridade das pessoas seja o *ser* e não o *ter*.
É necessário, é imperioso, é preciso:
É urgente amar!
E que o urgente não seja considerado como *tarde demais...*

O retorno

Não, isto não é título de filme do Batman, tão pouco de minissérie, mas é o que se espera que aconteça quando alguém fica no compromisso de lhe dar uma posição de determinado assunto.

Quantos e quantos telefonemas você já fez? Quantos destes contatos você esperava pelo retorno, mas não veio? Talvez porque a pessoa nunca tenha ouvido falar em empatia, não entendendo a importância do precioso retorno.

Mas não é só por telefone que este *feedback* deixa de existir. Há também setores onde você encaminha documentos e aguarda que educadamente as pessoas lhe retornem sem que, com isso, você precise pressioná-las. Você tinha um prazo, uma data firmada e era imprescindível o retorno da tal documentação, mas, os responsáveis deixaram você de mãos abanando e não cumpriram o combinado!

Enquanto algumas pessoas deixam a desejar, contentemo-nos momentaneamente com o retorno a nossa casa, pois pelo menos nesse espaço teremos o aconchego daqueles que nos darão o retorno desejado!

Cada caso é um caso

Impressionante como fazemos um pré-conceito das pessoas antes de conhecê-las. Fato que comprova isso são os relacionamentos entre os idosos.

Sei de vários casos de casais que se conheceram quando já estavam em idade avançada e com isso observo que cada relacionamento é distinto, pois as circunstâncias diferem. É certo que muitos desses casos são baseados em interesse financeiro e acarretam em desavenças entre as famílias. Mas outros comprovam a necessidade das pessoas de terem uma companhia para sair, dividir os momentos.

Porém, parece que os julgamentos muitas vezes são baseados apenas na primeira opção acima, ou seja, é um estereótipo, pois consideram que fulano está com sicrana somente por que deseja seus bens. O livro de Bárbara Delinsky “O vinhedo” retrata bem isso. Além de um cenário perfeito para quem gosta de uma atmosfera típica italiana com muita uva, a obra começa apresentando a dificuldade de uma senhora de 76 anos que deseja casar-se com seu ex-namorado da adolescência (agora, com 82 anos). Mas, os filhos dela e colaboradores do vinhedo do qual ela ainda comanda não aceitam a união, consideram uma traição ao seu ex-marido já falecido, achando que o pretendente deseja os bens da noiva. A história, ainda, torna-se interessante, pois mostra o reencontro de duas pessoas que se amaram na juventude e que o destino fez com que se reencontrassem nesta fase da vida.

Ficou curioso pelo desenrolar da história? Fica tranquilo que não contarei o término do livro, deixa que você mesmo descubra lendo.

Lembre-se que cada história é uma história, não tente adivinhar o final!

Do que somos capazes?! - I

Em nome do amor incondicional aos filhos, somos capazes das maiores babaquices. A prova maior disso está na infância, bebês nem sequer sabem direito as questões básicas “onde estou?” “quem sou eu?” “quem são estes seres a fazer micagens na minha frente?” e se deparam conosco, cheios das melhores intenções ao transformarmos os pequenos em robôs!

Chega um casal para passear numa casa onde tem uma família com criança de meses de vida e o robozinho entra em ação. Os pais colocam as suas habilidades à prova: Faz olhinhos para os titios, filhinho! Prontamente a criança começa a piscar. Os convidados acham engraçado e se derretem e com isso os pais não param de pedir à criancinha para que continue a cena várias vezes. Já cansada, não aguentando mais a tortura, não quer mais piscar e os pais insistem, nem os convidados aguentam mais a situação.

O show se dá também *online*, onde duas amigas conversam por *skype* no final da tarde de um domingo. Uma delas coloca a filha de um ano e alguns meses na tela para a amiga apreciar como a criança tem evoluído nos últimos dias e pede que a menina aponte onde fica o nariz, a garotinha aponta a orelha (provavelmente tenha passado o dia apontando o nariz para dezenas de pessoas) e a mãe insiste: Eu disse o nariz! A menina, então, sob pressão e com expressão desanimada contenta a mãe, aponta para o nariz e a mãe fica cheia de orgulho do ato.

Já quando são maiores, os pequenos têm que dançar na frente das visitas, mandarem beijos e mais beijos, bater palminhas inúmeras vezes, tudo literalmente programado. Mas o pior ainda acontece quando algumas crianças batem nos pais e estes acham bonitinha a situação, definindo a criança como cheia de “atitude”, que não leva desaforo para casa.

Srs. pais: dá para parar com isso? Amor sim, mas sem exageros.

Do que somos capazes?! – II

Referi-me em outra crônica sobre nossa demonstração extrema de amor aos filhos pequenos. Não poderia deixar de complementar tal texto criando este “adendo” dirigindo meus comentários a relação pais e filhos adolescentes.

Muito se tem discutido a respeito da escolha profissional dos jovens, e percebe-se nessas discussões que muitos pais em pleno século XXI ainda desejam transferir seus sonhos profissionais aos filhos e esquecem que a opção de escolha é dos filhos, pois a carreira é deles e não dos pais.

A escolha profissional é difícil e a função dos pais é de mediar essas escolhas juntamente com a escola, oferecendo teste vocacional, oportunidades de visitas a vários cursos das universidades, e, para melhor orientação, ler a fim de ficarem atualizados sobre os cursos com maiores projeções no mercado de trabalho e que podem ser lucrativos quando os jovens estiverem formados.

Mas é crível ainda presenciarmos vários casos de pais que por não terem seguido determinada profissão induzem seu filho a segui-la. Muitos filhos não querem contrariar os pais, ingressam nos cursos e acabam até gostando, outros acostumam por não terem opção.

Não desejamos ver profissionais frustrados, desmotivados, com dificuldade de relacionamento e o pior de tudo extremamente técnicos, sem se preocupar com o emocional dos que estão ao seu redor. Queremos bons profissionais no mercado do trabalho e para isso, nós, os pais podemos colaborar fazendo a nossa parte e não impondo caminhos a serem seguidos. Convém frisar, que muitas profissões são apaixonantes e os filhos por vontade própria querem seguir os passos dos pais, o que difere do referido anteriormente.

Em se tratando da confusão gerada por este momento importante da escolha, lembro-me de uma menina que cursava o 3º ano do Ensino Médio e no mesmo ano mudou de opção cinco vezes tentando definir qual curso prestaria o vestibular. Os cursos não tinham afinidade alguma: medicina, arquitetura, direito, jornalismo, agronomia. O que

decidiu por fazer eu não sei, pois não tive o desenrolar deste capítulo, mas, com certeza os pais poderiam ter orientado neste caso.

Quando há uma interferência impositiva dos pais e é vista por estes como benéfica, confere-lhes o status tão sonhado no passado e garante a felicidade imediata, a qual é agora recompensada pelos filhos.

OLHE, PARE, PENSE e AJA, ainda há tempo de reviver a música “Pais e filhos” de Legião Urbana: *o que você vai ser, quando você crescer?*

Falta educação no trânsito

Diante de barbáries que vemos acontecer no trânsito diariamente, várias chamam a atenção e vou destacar algumas. Primeiro me refiro aos pedestres. Temos por tradição culpar os motoristas por todos os acidentes que acontecem, mas convenhamos há pessoas que caminham na rua e não colaboram. Pedestres deveriam ser ao menos por um dia motoristas para ver como é difícil cumprir as normas de trânsito e ainda cuidar para não ser prejudicado com as irregularidades cometidas pelos pedestres. Outro dia, uma moça vinha caminhando no meio da rua (eu disse no meio da rua), pensei que ao perceber o carro ela se deslocaria para a via do passeio, mas como estava em altos papos no celular continuou seu trajeto e o condutor do veículo teve que desviá-la indo na contramão.

Alguns ciclistas também deveriam ser mais cautelosos, pois ultrapassam pelo lado errado, andam entre duplas na rua no local de circulação dos carros.

E muitos motoqueiros que vem “costurando” entre os carros, alguns deles até ultrapassando pela direita, você já viu? Deslocam-se em locais proibidos, cortam a frente dos automóveis, e quase passam por cima das pessoas.

Já os motoristas dos carros, vi alguns em pleno domingo no centro da cidade a todo vapor pela avenida, provavelmente estavam com um compromisso urgente e não podiam esperar...

Vários motoristas não aguentando aguardar atrás de um carro parado no semáforo por dois segundos após a entrada do sinal verde, começam a buzinar (confesso que já tive vontade de mandá-los para aquele lugar), mas esses só têm duas alternativas: ou esperam o momento para ultrapassar ou terão que voar.

Outra situação que me surpreende, são as portas que se abrem dos carros quando você está passando com seu veículo. Cuidado, uma hora dessas podem ficar sem a porta...

Deveria ter uma disciplina na escola sobre educação para o trânsito, assim, os jovens pedestres e futuros motoristas saberiam andar com mais cautela e em harmonia.

Aos motoristas imprudentes vai o recado: Se beber não dirija e se pensar em sair de casa com intenção de burlar as leis de trânsito, fique em casa dormindo!

Elogio é bom e eu gosto!

Quem não gosta de ser elogiado?

Recebi dias atrás um e-mail de uma leitora tecendo uma série de comentários sobre os meus textos, os quais levantaram meu ego. Confirmei a tese do ditado que diz que elogiar nunca é demais!

Se observarmos, o elogio é muito importante na vida das pessoas. Nossos filhos, o marido, a esposa, o (a) namorado (a), a mãe, colegas, todos necessitam de um impulso. Elogiar é uma forma de motivação.

Receber parabéns pelo objetivo alcançado, pelas metas superadas estimula o ego e nos enriquecem. As pessoas precisam saber do seu valor e serem reconhecidas por suas belas atitudes. E aquelas que parecem que nasceram com a mão na massa, fazendo deliciosos pratos, merecem ou não serem elogiadas? Agradeço todos os dias que elas existem!!!

Se você possui uma amiga que mudou o visual ou comprou um vestido novo e ficou legal não custa nada elogiá-la. Ela ficará contente. O único perigo que você corre é de vê-la vestida por vários dias com essa peça de roupa.

Devemos em alguns momentos cuidar a forma de elogio, principalmente quando dirigimos a uma pessoa na frente de outras, pois isso pode deixá-las constrangidas, tanto a que recebe elogio quanto as que presenciam.

Elogio nos tempos de hoje é coisa rara, pois as pessoas estão cada vez mais intolerantes e priorizam os defeitos em detrimento às qualidades; e, quando elogiam, a maioria destes vai para alguém distante-artistas, por exemplo, sendo que tão próximo há pessoas precisando de um incentivo...

Pare, pense e responda: Quando foi que recebeu o último elogio? Como você se sentiu? E você tem o hábito de elogiar?

Se a resposta a última pergunta for sim, parabéns você acaba de ser elogiado (a)!

Mulheres “cabeça”

Dia 8 de março é o Dia Internacional da Mulher, que tal se pudéssemos por um dia fazer tudo o que desse na nossa cabeça?

Há lugares estratégicos que com certeza lotariam. Mas hoje falaremos somente sobre um deles, pois este chama a atenção cada vez que o frequentamos: o salão de beleza.

Sendo uma das profissões mais antigas da humanidade (cabeleireira) e o fato de que a preocupação com as madeixas seja pré-histórica, não é de se estranhar que o nosso objetivo também seja tradicional: melhorar a aparência!

O salão é considerado um verdadeiro SPA, mas desde que nossos maridos, namorados, companheiros não presenciem a forma como ficamos enquanto estamos lá dentro. Mulheres se sujeitam a ficarem medusas nesses ambientes, com papeizinhos de alumínio no cabelo e há uma porção de “Donas Florindas” a desfilar com os tradicionais *bobs* na cabeça. É um espetáculo “de luzes e cores” a que assistimos em salões.

Nesses locais nos sentimos verdadeiras deusas. Às vezes resolvemos ficar “moderninhas” e radicalizamos com um penteado muito louco, mas a bobeira passa e quando percebemos o estrago já foi feito. Sem coragem para corrigir a transformação, saímos de lá com a sensação de que todos estão olhando e zoando da situação, mas tudo em prol da beleza. Cabelos sendo colados, cortados e pintados; é um verdadeiro desfile, sem contar que muitas mulheres fazem do espaço um consultório onde os cabeleireiros são psicanalistas e a cadeira é o divã. Mas esse papo cabeça faz parte!

Parabéns antecipado as mulheres que constroem sua história nos salões, tanto as profissionais desses locais que “fazem a cabeça” e que nos suportam o ano inteiro tentando recuperar e aprimorar nossa autoestima como as mulheres que visitam esses estabelecimentos na tentativa de sempre, sempre melhorar o visual!

E é com essa vaidade e de “cabeça feita” que conquistamos cada vez mais postos significativos na sociedade mostrando nosso valor e nossos encantos.

Em nome delas, vai um grande abraço a todas as outras, sintam-se bem representadas!

Você e o coelhinho

Outro dia um menino de 8 anos (chamarei de Joãozinho) comentou com a sua mãe: Poxa, nem é verdade que existe coelhinho, vocês me enganaram quando eu era pequeno.

Joãozinho, (minha fala) que bom que você já está “grande” e consegue perceber que muitas coisas são camufladas em nossa vida. Mas tenho que lhe dizer que é bom que você acredite que existe coelhinho sim!

Veja pelo lado bom: o tempo que os pais dedicam nesse período enfeitando a casa para que **você** fique feliz com a visita do coelhinho (mesmo que você tenha o azar de não presenciar tal visita, pois o mesmo só deixa os rastros e ovinhos no chinelo...); os estabelecimentos comerciais ficam decorados para a páscoa com gravuras do bichinho para que **você** aprecie (e compre, mas isso é apenas um detalhe); nas escolas há uma preparação especial de páscoa, cheia de comemorações, ninhos, pegadas do coelhinho para as crianças passarem, novamente **você** é o beneficiado. É a oportunidade que **você** tem nesse período de viajar para a serra gaúcha, abraçar o coelhinho “verdadeiro” e comer chocolates em abundância, coisa que sua mãe jamais permitiria se não fosse assim. De quebra **você** pode pedir um ovo de chocolate do grêmio entregue especialmente pelo coelhinho azul (agora forcei).

Há Joãozinho, reveja seu conceito sobre engano. Perceba que em se tratando de coelhinho todos nós ganhamos principalmente **você**!

Diga sim ao coelhinho, sim, sim!

Feliz Páscoa e acima de tudo não se esqueça que este é o período da passagem não só do coelhinho, mas principalmente para uma nova vida!

Um simples pic...

Definitivamente tenho mais razões para não gostar do inverno do que para apreciá-lo. Quando penso que pode ser uma estação interessante que dá para tomar um bom vinho e ficar mais tempo embaixo das cobertas, eis que surge uma razão maior e arrebatadora: injeção! Tudo por causa do vento que anda junto com o sol que é primo da cerração que é amigo da chuva forte e toda essa irmandade me levou a injetar a famosa agulhinha à qual parece continuar morando no local do crime por muitos dias.

Ela age sorratamente, vai sendo introduzida de mansinho e nos derrubando no momento da picada, que já não pode ser considerada mais um pique e sabemos que tanto nos enganam dizendo: vai ser só uma picadinha! Dói pra caramba!

Enfim, cheguei até esse ponto “injeção” para provar o porquê de minhas fortes razões a fim de torcer para que o inverno acabe logo. E em pensar que vejo pessoas tomando sorvete nas ruas, vem cá vocês são de ferro?

Não, não venha me ludibriar com suas razões estapafúrdias que a comida apetece mais no inverno e bibibi e bobobó. Não, isso não vai me convencer mais, não depois daquela maldita injeção. Minha sorte era que a mocinha que aplicou era muito querida e depois das três doses (isso significa que a visitei três dias e ainda por cima consecutivos!) ela pediu que eu retornasse, mas só para comprar coisas bonitas, tá vendo, até ela concorda que injeção é bicho feio!

Injeção agora, só de ânimo para enfrentar o resto do inverno!

Conquista

Fiquei pensando nesta semana sobre o quanto representa uma vitória em nossa vida. O que me possibilitou tal reflexão foi meu filho ter vencido o concurso de poesia na sua escola. Sei que muitos fatores o levaram a isso além de sua habilidade para falar em público. Entre tais fatores estão o fato de ser humilde, conquistar as coisas por seus méritos e principalmente por se dedicar, este é o diferencial.

Percebo que as pessoas que almejam algo e que vão em busca, conseguem. Quando isso ocorre, a motivação é maior e a confiança é a palavra chave para se buscar novas realizações, basta acreditar que tem potencial.

Nessa trajetória, alguns percalços podem acontecer e infelizmente, às vezes, não se chega ao pódio, mas, quando se tem o prazer da CONQUISTA, há meu amigo, aí tem que festejar! Essa comemoração pode também vir de um primeiro emprego, a carteira de motorista, o nascimento de um filho, a casa própria, a cura de uma doença, uma nova amizade ou a atenção de alguém que você jurava que não se importava com os outros.

Para várias pessoas vencer um concurso de poesias pode ser algo banal, mas para muitas, como eu, tal fato é um mérito, dentre muitos que acredito que o meu garoto irá conquistar na sua vida, afinal o prazer da existência pode ser sentido em cada emoção pela qual passamos, basta apenas enxergá-las.

E você meu filho, nesta semana me deu uma lição de vida com seu entusiasmo, isso comprova que nós também podemos aprender muito com nossos filhos!

Configurando a vida

Por instantes começo a viajar com meus pensamentos...

Percebo que esses são **hipertextos**, desloco-me facilmente de uma **janela** de preocupações para outra cheia de emoções.

Sei que posso **clicar** e escolher as decisões, pois sou **administradora** da minha vida e capaz de alterar o **sistema** em que me encontro. Tenho habilidades para criar alternativas, **excluir** o que não me faz bem. Também, dependendo do que eu fizer, das **configurações**, posso **imprimir** uma nova **paisagem** ao meu destino. As **opções** estão ao meu dispor, basta **INICIAR e EXECUTAR**, pois somente eu posso dar o rumo da minha história. Sou eu quem tenho a posse do **painel de controle**, por isso, sinto-me responsável pelas atitudes tomadas. Preciso sempre confiar naquilo que faço.

O texto da vida pode ser o mesmo para muitas pessoas, porém, desse texto podem ser feitas várias leituras, ou seja, a forma de percorrer os caminhos é que é diferente. Cada um traça seu percurso influenciado pela cultura a qual está inserido. Há muitas opções, **links** nesse trajeto e infelizmente ou felizmente tenho que optar por um dos caminhos. Nessa trajetória muitos usam da criatividade para organizar e tornar sua **tela** mais harmônica. Ainda que vários **vírus** possam ser encontrados, o importante é que alguns deles são inofensivos, já outros provocam grandes estragos deixando marcas profundas. Nesse instante, é preciso acionar o **dicionário de sinônimos** para amenizar as palavras ditas.

Muitas **dicas de segurança** surgem pelo caminho, precisam ser seguidas e sei que devo valorizar com exclusividade aquelas que vêm da minha família. Essa é a **caixa de diálogo** que sempre diz o que fazer, orientando-me, na sequência. Conto também com a ajuda da **rede de relacionamentos**, que se bem fortalecida, dará **segurança**. Além disso, existem vários botões, mas há momentos que alguns devem ser **maximizados**, outros, por ora, **minimizados**.

Preciso **arquivar** o que considero importante, deixar registrado aquilo que me faz bem. Mas removo as coisas inconvenientes, pois não há necessidade de conviver com essas, então jogo na **lixeira**. Em

várias ocasiões posso voltar ou avançar, tudo depende da próxima fase. Às vezes é preciso **navegar** profundamente e outras vezes dar um **espaço** entre uma atividade e outra para reflexões, dar uma **pausa** para as coisas, mas isso já é outro texto...

Loucas por consumo

Recentemente estive na Serra Gaúcha a passeio e juro que tive vontade de ficar por mais tempo para vasculhar todas as lojas que existem por lá (neura da maioria das mulheres).

Essa tara por consumo, às quais devemos ter herdado de alguma de nossas ancestrais possuída por compras ou algo do tipo (talvez na antiguidade-época da pedra, não faziam só armas e ferramentas, mas também confeccionavam belas bijuterias e as negociavam com as companheiras!) me lembrou de outra viagem, à qual fiz com colegas, mas não para passeio, foi com o intuito de aperfeiçoamento profissional.

A finalidade dessa viagem era o curso, mas 90% das garotas falavam apenas de *shopping*. Na metade do trajeto nem nós mesmas aguentávamos ouvir a palavra, pois ela vinha de todas as direções, já que a maioria, dentro do veículo, eram mulheres.

O dito *shopping* não foi aquela emoção quando encontramos, era pequeno, nada a comparar com o “Praia de Belas” de Porto Alegre ou o “Iguatemi” de Caxias ou o “JL” de Cascavel. Assim, saímos de lá insatisfeitas. No retorno, os *outdoors* e placas de propaganda foram as vítimas, todas de olho no que ofereciam, loucas para uma pequena parada em qualquer lugar que vendesse alguma coisa a fim de se realizarem as ditas compras (lembre-se que o foco da viagem era o curso!).

Paramos numa banca para comprar alguns produtos. Nada divertido, pelo menos realizamos o sonho de voltarmos com sacolas (mesmo que dentro delas houvesse queijo, geleia, frutas e rapadura...).

Posso lhes afirmar que isso não tem cura, a cada nova viagem, ainda que seja para o mesmo lugar, revigoramos nossas energias e estamos prontas para percorrer quilômetros seja num *shopping*, área comercial, avenida com várias vitrines, loja no fundo do quintal, ruas com butiques expondo na frente delas balaio cheio de roupas de promoção ou ainda, venda à beira de asfalto. Nosso negócio é olhar tudo e comprar!

Páscoa sem ovos, é possível?

A páscoa está aí novamente, parece que foi ontem que escrevi a última crônica referente a essa data. O tempo passa muito rápido e as comemorações chegam a cada ano.

Outro dia, numa cidade vizinha a esta, vi uma criança fazer um escândalo num estabelecimento comercial porque queria um super ovo de chocolate. Aliás, não era o chocolate que ela almejava e sim o brinquedinho que deveria valer mais do que o ovo. Se fosse a tempos atrás, minha avó diria que a criancinha deveria estar com míngua, hoje com certeza pensaria outra coisa...

Os chocolates são atrativos e essa é a finalidade, justamente deslumbrar nas prateleiras, com vários formatos, porém, o perigo consiste em banalizar a páscoa, transformá-la a cada ano em consumo e recorde de vendas de ovos de chocolate: “quem ganhou mais ovos?” Como se a popularidade de uma pessoa pudesse ser medida pela quantidade de ovos recebida. Era o que faltava!

As pessoas não se mandam mais flores, mandam ovos! Eles não têm perfume, mas, com certeza o cheirinho é maravilhoso.

Epa, estou caindo pelos encantos do doce, mas não sou popular, a contar pelos ovos de chocolate que recebi no ano passado, o “censo” que respondi para algumas pessoas com a pergunta “Quantos ovos de chocolate você ganhou?” me fez refletir que devo investir mais em marketing, não ocupo as primeiras posições da escala, sem sombra de dúvidas!

Mesmo assim, FELIZ PÁSCOA!

Pobre sogra....

Creio que a origem de tanta brincadeira com sentido pejorativo sobre a sogra justifica-se pela antiguidade, como sogra e nora passavam muito tempo juntas em atividades domésticas, isso provocava algumas desavenças.

Com isso, criaram-se várias situações que colaboraram para fortalecer esta conspiração contra a sogra. Uma delas são as piadas de sogra, geralmente é um tema dos mais engraçados.

Há, ainda, para os adeptos de doce, “o olho de sogra” e nas festas infantis aparece o brinquedinho “a língua de sogra”, tudo muito sugestivo...

Por outro lado, existe a expressão “casa da sogra” para definir o lugar onde tudo é permitido, contrariando em parte o que se pensa sobre sogra.

Para contribuir com o estereótipo que se criou, eis que aparece o livro “Como enlouquecer sua sogra”, livro de autoajuda para os adeptos. Em contraposição, para dirimir os conflitos, aparece o livro, “Nós, as sogras”, com sugestões de comportamentos às sogras.

Mas é bom lembrar que há muita sogra que é aliada e não rival.

Se você já é sogra, relaxe e comemore o dia 28 de abril, o qual é considerado o seu dia. E se você ainda não é, prepare-se, o seu dia chegará...

Mostre para que você veio ao mundo, em cima do salto, hein!

Eba! Festa!!!

Existe algo mais precioso do que comemorar o próprio aniversário?

Corremos o ano inteiro e a impressão que temos a cada virada de ano é que o tempo está passando mais rápido, pois parece que foi ontem nosso último aniversário.

As festas de aniversário de criança são divertidas, com coisas deliciosas, exceto certos transtornos na comemoração de 1 ano, em que as mães fazem maratona correndo atrás dos pequeninos e os fotógrafos também embarcam nessa aventura na tentativa de registrar um momento importante para o sujeito relembrar quando chegar aos 30 anos, tendo esse intuito obrigam as crianças a repetirem várias vezes a mesma coisa. Já a tia fica com a incumbência de cuidar da decoração que cai a todo instante.

Nas festas de três anos todos os parentes se reúnem na casa da criança aniversariante: é brigadeiro nos cabelos, refrigerante nas pernas da garotada, é brinquedo novo com rodela de presunto, é bolo circulando no chão pelos pais discutindo futebol e pelas senhoras sentadas numa roda tomando aquele chá (que não termina dentro da xícara); sem contar a insistência da anfitriã que praticamente obriga os convidados a provarem um pedaço de cada tipo de bolo e a experimentarem as trinta variedades de doces e salgados preparados exclusivamente para a data.

Aniversário de 5 anos, a criança comemora na escola. Alegria das mães, azar da professora que não para, parece que naquele dia todas as crianças resolveram demonstrar rebeldia, uma espécie de castigo pelas travessuras que a profe cometeu na infância. Os coleguinhas não veem a hora de estourar o balão surpresa, se fosse um filme chamaríamos de “Ataque em segundos” tudo por causa de um brinquedinho que deverá com muita sorte durar dois dias!

Festas de 8 anos alugam-se espaços exclusivos para festas com brinquedos, nesses ambientes não precisaria nada para comer, pois as

crianças não comem, só pulam, correm e às vezes bebem, chegando depois em casa famintas.

Aniversário de 15 anos de menina é uma formosura, as mães imóveis, pois não podem estragar o seu super penteado, afinal a filha está comemorando a data mais linda, o ritual de apresentação para a sociedade. A aniversariante impecável com sapatinho, luvinha, vestidinho, mas meninas nos perdoem: a cor rosa NÃO!

É importante lembrar que festa de 18 anos significa independência, todos na flor da idade, a comemoração, muitas vezes, acontece na pizzaria tanto para os meninos como para as meninas. Já festa de 20 anos ou “vinte e uns” melhor não comentar!

Festa de 30 anos é a oportunidade de relembrar todos os outros aniversários e refletir a importância de ter chegado são e salvo até esta data (não só o aniversariante, mas os pais também!)

Na festa dos 50 anos participa todos de uma geração, filho, nora, mãe da nora, gato, cachorro... E aos 70 anos, que maravilha, é uma dádiva, exemplo e ensinamento para os mais novos.

Assim, seguimos esta trajetória e para os iniciantes sejam bem-vindos a esta caminhada. O quê? Se vou a sua festa? Ok, com direito a pausa para doces e salgadinhos, vê lá!

Fica com medo não....

Quem nunca andou bem cedo pela rua numa manhã chuvosa, escura e com cerração?

Por vezes parece que você está envolvido num filme de terror. Pela frente é só você e o percurso. Tudo parece muito assustador, a impressão é que sua sombra sob a luz duplica. As luzes do poste ora acendem ora apagam, causando um efeito deslumbrante sobre o seu temor.

Seus passos causam um barulho enorme e qualquer pessoa que apareça nesse instante caminhando atrás de você pode ser suspeita.

Nesse momento tudo é perturbador inclusive o carro que passa, provavelmente por estar preocupado em enxergar as poças do caminho deixou a luz alta e ela refletiu em você, será que foi proposital? Eis a questão!

As árvores balançam sem dó nem piedade nos locais escuros e em terrenos baldios, parece que não são somente elas que causam o barulho, mas algo mais...

Não sou adepta de filme de terror muito menos desse clima apavorante causado pelos efeitos especiais da neblina, muita neblina, mas um pouquinho de cautela não faz mal a ninguém. Alguém falou “medo”?

Coisas esquisitas

Quem nunca foi vítima de fatos esquisitos?

Nem vou falar de coisas que estranhemos fora do Brasil, mas aqui mesmo. Outro dia, eu estava num Clube da cidade e de repente um senhor puxou o barbeador (do nada) e começou a eliminar a sua barba ali mesmo. Veja bem: na frente dele somente apenas uma televisão (e no alto), nenhum espelho. Que tal que o moço erra o alvo?

Mas essa foi apenas uma entre tantas coisas que me chamam a atenção. Um tempo atrás vi uma jovem que digamos exagerou na sombra preta dos olhos. Poderia jurar que Mike Tyson havia deixado suas marcas em cada olho da menina. Creio que ela deveria ter dificuldade para piscar de tanta sombra cremosa que passou.

Voltando um pouquinho no tempo, lembro-me de minha adolescência e de um belo dia em que jantei na casa de uma amiga. A irmã mais velha dela inaugurou o prato de entrada (salada de alface) comendo-o sem o garfo, mais especificamente colocando a salada na boca com a mão. Tudo bem que já ouvi nutricionistas recomendarem tal procedimento uma vez que você degusta a verdura melhor, mas na época achei aquilo meio aborígene.

Acredito que você lembrou de algo agora que tenha presenciado, tenho medo...

Mãe, o escudo permanente

Mãe, não consigo dormir!
Mãe, estou com medo!
Mãe, me acorda cedo?
Mãe, faz um suco pra mim?
Mãe, não encontro minha blusa!
Mãe, você me leva para a escola?
Mãe, preciso de ajuda na tarefa de casa.
Mãe, estou com fome.
Mãe, está pronto o almoço?
Mãe, me “empresta” uma graninha?
Mãe, fala com o pai pra mim?
Alô, mãe, posso ir no cinema?
Mãe, me dá a chave do carro?
Mãe, compra pra mim!
Mãe, estou tão triste hoje.
Mãe, me dá um abraço!
Mãe, mãe, mãe,
A função é dela o dia inteiro
Mãe, é porto seguro
Mãe é tudo de bom!

Brasil, meu Brasil brasileiro...

Lya Luft relata em um dos seus livros exatamente a impressão que os outros países têm de nós. Como ela é tradutora, certa vez uma editora europeia pediu que ela traduzisse poemas sobre o Brasil, os quais falavam da floresta amazônica (uma floresta com pouco de real) com a presença da mulher de corpo alvo, com rios cristalinos.

Quando esteve no exterior observou que as pessoas se espantaram que ela era brasileira por ser loira, culta e que há editoras no Brasil.

Em um artigo publicado em Berlim sobre o romance da referida autora, houve um breve registro de opinião da crítica: “não parece ser livro brasileiro pois não fala nem de plantas nem de índios.

A autora justifica que temos culpa nisso pois exportamos o exótico e o folclórico.

Por exemplo, em uma feira do livro de Frankfurt, no espaço brasileiro além de livros havia caipirinha, televisão mostrando o carnaval, futebol, praia e mato. O que achou disso? Sem mais comentários...

A mentira e suas pernas

Quando dizem que a mentira tem pernas curtas é para que os mentirosos percebam que os únicos que estão sendo ludibriados são eles mesmos. Eles acreditam na própria mentira e acham que estão enganando bem.

É importante registrar alguns tipos de mentirosos que circulam por aí: os esquecidos- aqueles que dizem que esqueceram algo em casa quando deveriam ter entregado na data prevista, os negação- negam até o fim que tiveram determinada atitude ou que participaram de algo (esse último somente quando gerar consequência negativa), os enrolados- inventam uma história longa na hora da mentira e ainda gaguejam, os intelectuais- mentem e sentem-se inteligentes e espertos com tais atitudes, os inocentes- nem se dão conta mais que estão mentindo, os *hobbies*- mentem por prazer, os vítimas- mentem e sentem pena da própria atitude, os plantonistas- estão sempre em alerta para mentir a qualquer momento, os experientes- passam anos mentindo, assim uma mentira a mais uma a menos...

Mentirinha em algumas situações faz parte para não magoar, mas quando mentir se torna rotina vira uma bola de neve e aí é difícil sair, mas não impossível. Chegando nesse estágio, utilize suas pernas para correr, pois caminhar já é passado.

Há muitos pinóquios por aí... Não sei se haverá muitas fadas para salvá-los!

Início dos relacionamentos

Gosto muito de ouvir os casais contarem como se conheceram. São histórias interessantes, cômicas e românticas.

Uma delas é relatada por amigos que estudavam na mesma turma. Concluíram o ensino médio juntos, após, cada um seguiu seu rumo. Ao terminarem a graduação, voltaram a manter contato pelas redes sociais, começaram a namorar e hoje estão casados.

Outro casal cita que se conheceram numa festa de Halloween (nada romântico), ele vestido de vampiro e ela até hoje não sabe identificar direito a que tipo de fantasia estava caracterizada, mas o fato é que provavelmente aqui nascia Crepúsculo, sim Edward e Bella brasileiros!

Uma amiga, com relacionamento um “pouco” conturbado, conta que se conheceram numa balada. Até aí tudo bem. Mas o jovem namorava essa amiga e outra menina ao mesmo tempo. Minha amiga depois de relutar resolveu ir residir em Caxias do Sul, afastando-se do pretendente. O mesmo não aguentou ficar longe da mocinha e decidiu ir atrás, recuperar o seu amor. Essa história terminou com um casamento em Caxias do Sul sem os pais dos dois saberem, apenas os irmãos dela que residiam em Caxias participaram da cerimônia; ela vestida de branco casou-se no Cartório com o rapaz, a notícia do casamento chegou dias depois para os pais.

Em outra história, uma jovem estava de flerte com um seminarista (parece história de livro literário). Moravam na mesma localidade. Essa história teve um desenrolar lindo, porém, com final trágico: casaram-se, tiveram filhos, mas durante uma viagem de excursão, para proteger a sua amada em um acidente, ele se jogou na frente da mesma salvando-a, assim, num ato heroico morreu.

Em novo relato de outra pessoa conhecida, mais ousada, resolveu traçar caminhos por Mato Grosso, aventurando-se e desbravando oportunidades. Quando lá residia, conheceu um mato-grossense (digamos que era o seu número), mas o destino fez com que a mesma passasse num concurso no RS e com isso teve que retornar à

terra natal. A distância encerrou o relacionamento e ela continua solteira, sem esquecer aquele que era seu par ideal.

São histórias simples, mas que nos mostram como o amor torna as pessoas vulneráveis a situações nada imagináveis, perde-se o controle, tudo é possível, nada é programado.

Feliz dia dos namorados a todos os casais, principalmente àqueles que são eternos namorados num tempo em que os amores são velozes e que basta completar poucos dias de namoro para se transformar em grande comemoração. Acredito que muitas pessoas, assim como eu, consideram este período apenas como início dos relacionamentos. (acreditem, não sou centenária!)

O que está acontecendo?

Cenas que se tornam repetitivas e já banalizadas, mas que não deveriam ser assim consideradas. Acabamos nos acostumando com situações que nos deixam indignados. Tentamos manter a educação, esperando numa fila de um estabelecimento comercial para respeitar a ordem de chegada nos ensinada na infância, mas às vezes chega alguém e quebra essas regras, passando com a maior naturalidade na nossa frente como se não notasse que existem pessoas ali aguardando.

Em outro momento ficamos procurando àquela vaga para estacionar o carro, quando a encontramos, fizemos uma série de manobras, e eis que surge um indivíduo com seu carro e simplesmente estaciona naquele lugar, fingindo não perceber que tentamos estacionar. Saindo do estacionamento, entramos no restaurante e topamos com uma porção de chaves ocupando as mesas vazias guardando lugar sabe lá para quem. E neste espaço, se alguma mesa que estava ocupada ficar liberada, é um salvem-se quem puder numa corrida para ver quem chega primeiro e adquire o direito a desfrutar do ambiente.

Nas filas de caixa de supermercado, pessoas aguardam organizadamente, mas, basta liberar o caixa ao lado, eis que saem em disparada como se fossem disputar a Fórmula 1, não querendo saber se você, que estava na frente da fila tinha apenas uma caixa de barra de cereal e dois pães de queijo, quem chegar primeiro se considera o vencedor, cada um preocupado com seu próprio umbigo.

Numa plateia para assistir a um show as pessoas também se revelam. Você chega e escolhe um ponto estratégico quase duas horas antes e, minutos antes do show começar, aparecem “os sem noção” colocam uma caixa de cerveja na sua frente, sobem nela e com privilégio desejam ver o bendito show. Com isso você e toda a galera que está atrás ficam numa via só e enlouquecem. Em se tratando de vaiar, é só lembrar-se da torcida num jogo de futebol, onde na arquibancada, no momento da jogada decisiva, todos gritam descontrolados e ninguém se entende.

Caros leitores, muitas vezes perdemos a noção de limites e de amor para com o próximo, por essas razões muitos fazem justiça com as próprias mãos diante de tanta grosseria, reflexo de uma sociedade individualista. Vamos mudar urgente este quadro!

Esvaziando o momento de significado

“O que a gente vai fazer depois?” Essa é uma típica frase daqueles que não sabem aproveitar o “hoje”. Muitas pessoas esperam que a felicidade venha sempre no dia seguinte. Acreditam que serão felizes com aquilo que vem depois e esse momento parece nunca chegar.

Também vejo muitos jovens desanimados, entre 14 a 18 anos, tão aborrecidos, enquanto deveriam estar cheios de energia: “Hoje não tenho vontade para nada”. E a expressão se repete no outro dia, no outro...

Percebo tantas e tantas crianças deixando de ser feliz com coisas simples, a espera do próximo consumo: “Vai ser massa quando eu tiver tal coisa”, como se a felicidade estivesse atrelada a um objeto.

A compulsão pelo depois deixa a desejar o prazer de viver e divertir-se no presente.

Que bom se pudéssemos realmente viver um dia de cada vez e inteiramente nos dedicar a cada atividade que fazemos.

Precisamos treinar melhor nosso olhar para as pequenas e simplórias coisas.

Contágio

Tendo em vista que o significado da palavra contagiar é transmitir ou comunicar-se a, contaminar, viciar... você já se deu conta de que muitas coisas contagiam?

Estamos numa roda de amigos, basta alguém bocejar e pronto, logo começamos também. Chegamos num lugar e ao ouvirmos alguém cantar, podemos esperar que ficará no nosso inconsciente repetindo a música o dia inteiro.

Uma pessoa feliz contagia, o sorriso contagia e muito. Em 1962 houve um surto de riso de umas garotas numa escola de internato na Tanzânia. A epidemia começou por três garotas que se desataram a rir e esparramou-se por vários lugares, durante meses. Só foi possível debelá-la porque as autoridades locais submeteram as cidades em quarentena. Ninguém podia entrar ou sair das regiões atingidas enquanto houvesse alguém gargalhando. O ataque geral de riso pode vir a ser um fenômeno de socialização entre seres humanos.

Mas, não podemos esquecer que se deixarmos, as caras tristes também podem nos contagiar, assim como várias doenças, mau humor, etc..

O importante é que dançar e fazer dieta contagiam (embora nem sempre as façamos até o fim). Contagiam ainda, jogar, amar, trabalhar, brincar e comprar, sim comprar muuuito! As redes sociais contagiam, a política e os bons líderes também podem nos contagiar.

Outro modo contagiante é o gesto; experimente ficar na frente de alguém e mexer no rosto, provavelmente a outra pessoa começa a fazer o mesmo que você sem perceber.

E se tantas coisas contagiam, que tal a separação do lixo, projetos de sustentabilidade, trabalho voluntário, a leitura de um livro, nada mal, hein?

Que tal falarmos um pouco sobre...

Mau atendimento. Há tempo que tento escrever sobre o assunto, mas fico adiando esta matéria, porém, chegou o momento em que não consigo mais fugir, situações cotidianas me conduzem a escrever sobre isso. Pessoas nos levam a refletir principalmente àquelas pelas quais tivemos o desprazer de não nos atenderem bem.

Muitos conhecidos relatam situações de mau atendimento. Sabe aquele lugar que chegamos e a recepcionista está no telefone e evita olhar para quem chegou? Na sequência a outra secretária (colega da primeira) também nos ignora e ficamos esperando o atendimento que não acontece? Passa o tempo e sentados aguardamos que a pessoa ao menos dirija o olhar para nós, mas ninguém quer perceber a nossa presença. Fico indignada com essas atitudes, creio que a recepção é o cartão de visitas de uma empresa na qual ou voltaremos ou não retornaremos mais ao local.

Acredito que muitas empresas ainda não se ligaram que precisam investir em treinamento, cursos aos seus colaboradores. Uma breve saudação “bom dia” ou “boa tarde” é um bom começo para iniciar um relacionamento entre cliente x estabelecimento.

Várias pessoas comentam comigo episódios relacionados ao atendimento e acham que algumas lojas acreditam que nós é que precisamos delas e não elas dos clientes. No geral, percebemos que o preço da mercadoria nem sempre é o fator determinante da compra e sim, o BOM ATENDIMENTO.

Em alguns locais o atendente/vendedor vem ao nosso encontro na porta, não dá nem para imaginarmos que ele veio nos receber de braços abertos, pois suas mãos encontram-se profundamente nos bolsos. A expressão que este traz no seu rosto já relata as próximas cenas. Logo ao solicitarmos o item desejado, ele já diz que não tem aquilo que precisamos, não adianta nem trocarmos a marca ou modelo, que ele continuará negando. Não podemos insistir, devemos perceber que ele não quer nos atender e ponto final. Imaginemos que este não é o nosso dia para compras!

Outro fato muito comum é presenciarmos o diálogo de duas atendentes quando chegamos a um local, logicamente que elas não param de conversar só porque chegamos. O assunto delas é mais importante... Nesse momento temos várias opções: ou damos aquele sorriso sem graça, ou nos retiramos de mansinho (nem precisa ser de mansinho porque elas não estão a fim de perceber mesmo a nossa presença) ou as encaramos e terminamos com a festinha!

Imagino que muitos leitores irão se identificar com algumas dessas situações expostas, mas se por acaso e muita sorte não passaram por nenhuma delas, lamento dizer: aguardem, o dia do mau atendimento chegará!

Atenção empresas e atendentes, a ordem é: atender, mas atender bem; afinal as compras via internet estão aí... Um brinde àqueles vendedores que nos atendem da mesma forma que gostariam de serem atendidos.

Um gesto muda tudo

Hoje, enquanto aguardava o atendimento em determinado lugar, mantive o *tablet* na mão, pois estava a fim de escrever/digitar sobre alguma coisa e o ambiente pareceu propício para isso.

Na sala de espera em que me encontrava, a televisão estava ligada e o programa era um desenho animado interessante (caso contrário não me chamaria a atenção já que não sou do tipo que gosta muito de assistir programas televisivos), inocente, daqueles com imagem surpreendente que se nos prendem, imagino então às crianças, mais ainda. Com isso, não estou lhes dizendo que “os pequenos” hoje devam ficar em uma redoma de vidro para se distanciarem dos perigos que os cercam, mas, assim como as novelas, os desenhos também se mostram ultimamente assustadores.

E aí quando você se depara com cenas simples e cativantes tem que dividir com os colegas! Foi nesse desenho que vi um cachorrinho (estava na tela e não me alcançaria). É o momento de dividir com você a fobia que tenho dos mesmos desde a infância.

Muitas pessoas confundem o meu sentimento pelo bichano, sinto temor por qualquer um de qualquer tamanho e não nojo, isso é diferente. Porém respeito quem convive com os animaizinhos em casa, percebo, inclusive, que cada vez mais há necessidade de apego das pessoas por eles.

Mas assim como se fala tanto em respeitar os animais, creio que é preciso que isso seja recíproco, pois muitos lugares que deveriam ser frequentados sem cachorros ou se permitidos a presença, não estão utilizando a coleira e a cordinha.

Em outra cidade lá longe...eu quis entrar numa loja e fui recepcionada por um atendente, infelizmente não pude permanecer no recinto. Não é preconceito de homens como recepcionista de ambientes comerciais, o problema que este era um cão. Eu mereço! Para completar a tia do atendimento que veio na sequência ao meu espetáculo não teve a capacidade de segurar o bicho, disse apenas aquela frase chavão que só piora o momento: ele não faz nada!

Sem problema, fui no estabelecimento concorrente onde cachorro se encontrava apenas na tela de televisão, ou melhor, no desenho animado onde começou esta crônica. Se ela tivesse segurado o cão, talvez eu não houvesse lembrado desse assunto para a crônica, vai saber!

“Arraiá” junino

Quem nunca participou de corpo e alma de uma festa junina?

Quando eu tinha oito anos participei daquela rodinha casamenteira, cada qual com o seu par. Minha função era dizer as seguintes palavrinhas mágicas: “Para a gaita gaitreiro!” (claro que ele parou de tocar, tudo muito ensaiado antes) e na sequência mandei um versinho: “Subi cerro, desci cerro, com medo de um leão, tenho visto gente convencida, mas como este ainda não.”

Não pergunte do meu parzinho, virou um misto de cores e o vermelho se sobressaía... Mas, enquanto crianças tudo é diversão, então nada como uma tenda com pipoca, amendoim e pinhão para que ele esquecesse a minha audácia.

Falando de comidas típicas, ninguém resiste a um bolo de fubá enquanto aprecia uma bela trova. Confesso que esta festividade de São João estava entre minhas preferências, principalmente por que eu tinha uma tia “solteirona” como diziam na época, que por não ter filhos levava eu e minha prima para brincar e se divertir. Creio que Santo Antônio (o santo casamenteiro ao qual me referi em uma crônica anterior, também procurado após outras tentativa inválidas) ainda era inexperiente nesta época, estava se aperfeiçoando, também não acredito que simpatia para desencilhar era o forte da titia.

Aproveite esta época, é um misto de brincadeiras e comilanças. E além de tudo, tem algo que aprecio muito até hoje: Tem pescaria? Tem sim “sinhô”!

E se você é fã de carteirinha da tradicional fogueira, este é o momento. Confesso que nunca fui adepta ao fogo e nessas festas o “incêndio” acontecia no final da tarde. Minha preocupação é que as chamas da fogueira pudessem incendiar o colégio que eu estudava e onde a festa era realizada. São Pedro, às vezes, mandava uma chuva para colaborar comigo. Quando a chuva não ocorria, restava apenas relaxar e apreciar a festança:

Pula a fogueira Iaiá,
Pula a fogueira Ioiô...

Filosofando com Garfield

Cresci ouvindo o Garfield com a frase famosa “detesto segunda-feira”. Eu sou daquelas pessoas que sofrem por antecedência em muitas circunstâncias, acho que a expressão que se adequaria melhor seria “detesto domingo”. Sei que não devemos agir assim, mas, muitas vezes, por mais que você se esforce, a ansiedade bate em determinadas situações.

Ficar apreensivo com algo que poderá acontecer faz parte de minha vida e de todos os torcedores de um time, dos fãs de carteirinha com a proximidade de um show, das pessoas que vão ingressar em um novo emprego, daqueles que estarão defendendo sua tese no doutorado, das mães que sabem que dentro de uma hora seu filho viajará para estudar longe de casa, daqueles que estão prestes a fazer uma cirurgia, dos casais que vão dizer o “sim” na igreja, da criança na noite de natal e assim a listinha vai longe...

Ter expectativa e sofrer com ela é constante em nossa vida. Em certas situações gostaríamos de poder controlar o tempo, ora colocando os ponteiros para frente (quando desejamos que algo passe logo) ora colocando-o para trás (quando uma situação vivida foi boa). Infelizmente isso ainda não se pode fazer, mas podemos tentar amenizar o tormento e aí, meu amigo, sugestões não faltam: ouvir piada e rir muito (mesmo sem entendê-la), fazer academia (assim, quem sabe, você pode ser vencido pelo sono à noite, e dorme), assistir televisão (mesmo que não assimile nada), comer (o dobro, um pouco para sua necessidade e o outro para a sua angústia) e ler minhas crônicas, que tal?

“Não sabe escolher seus amigos? Se ferrou...vai ter que me aturar pelo resto da vida” - Garfield.

O que aconteceu com a criatividade?

É o pão que terminou, um novo relatório que precisa ser feito no trabalho, a máquina de lavar roupa que precisa ser trocada, a atenção às tarefas de casa dos filhos que não podem esperar, a notícia sobre o fato importante que passa no telejornal, a reunião do condomínio que está marcada impreterivelmente para às 18 horas, a festa de aniversário do marido, a corrida ao banco ao meio-dia, o cabelo está com as pontas crescidas e o cabeleireiro só pode cortar agora, o cachorro precisa de cuidados no Pet Shop, a visita a amiga viúva que foi adiada duas vezes terá que acontecer amanhã, os parentes que há seis meses não apareciam virão no final de semana; que legal, estarei de folga e prepararei o almoço já que raramente sobra tempo para isso. Não pude deixar o carro na lavagem, pois tinha uma fila enorme e terei que lavá-lo em casa. É hora do banho, não, não, ainda não, preciso ir ao supermercado porque fecha cedo. Agora sim, vou ao banho, ainda não, primeiro as crianças. Dia cansativo, hein!?. Vou jantar. Tento colocar a comida na boca, mas primeiro preciso servir os filhos. Assim, entre pratos servidos, alimentos cortados, a fome vai-se indo, e aí penso que isso é bom, pois acho mesmo que precisava iniciar aquele regime...Hora de descansar, que engano, hora da sobremesa: lavar a louça! Com muito cansaço, vou dormir. E a criatividade onde fica? Ora de relaxar! Respiro fundo, agradeço o dia e penso no que terei pela frente no dia seguinte. As atividades serão praticamente as mesmas, mas as farei de forma diferente. Trocarei o caminho para ir ao trabalho, ajudarei nas tarefas de casa dos filhos com mais entusiasmo, trabalharei com prioridades, delegarei mais as tarefas, pensarei mais em mim, a próxima folga será minha e não dos outros, meu banho será prolongado, colocarei a placa “Não perturbe” na porta e cantarei o melhor da MPB. Meu jantar será sagrado, comerei menos e degustarei mais, minha cama será o ponto de encontro comigo mesma. Descobrirei a cada dia como resgatar a criatividade que foi perdida e que precisa ser ligeiramente recuperada para fazer de cada dia um dia especial. Felizes sejam as pessoas que tentam ser criativas, pois delas será o reino do crescimento profissional!

“Bolas murchas”

Li “Script” de Tadiane Tronca, história utilizando como ambiente a cidade de Caxias do Sul em meados de 1948. Chamou-me a atenção este romance, o qual apresenta a personagem Anna conquistando seu espaço de uma próspera carreira como escritora de radionovela, tendo suas obras muito elogiadas por todos. A ascensão da mocinha do livro levou-me a pensar sobre os reflexos provocados em algumas pessoas quando alguém busca inovação ou destaca-se no meio em que vive.

Estou falando das “bolas murchas” termo usado pelo palestrante Daniel Godri para se referir àquelas pessoas ciumentas que desejam estar na situação das outras, tornando-se os estraga-prazeres. Estes indivíduos estão disseminados por todos os lugares, a preocupação está direcionada mais em murchar pessoas do que eles tentarem fazer diferente. Alguns ainda são capazes de copiar as atividades e atitudes se mostrando como autores das mesmas, outros, desejam ser os únicos a brilharem, não sabem dividir com os “coleguinhas” o pódio, não entendem que o sol nasce para todos.

Não é difícil identificá-los, basta alguém ser elogiado que logo o “bola murcha” apontará um defeito ou tentará colocar uma pontinha do seu “veneno” para dificultar as coisas. E, muitas vezes, estes elementos se unem para massacrar os outros. Ao perceber quem são estes seres, a primeira medida é distanciar-se, pois é impossível viver com sujeitos tão negativos, eu não consigo.

Mas, o importante é sabermos que ainda existem amigos verdadeiros e estes nos fazem bem, apontam nossos erros com jeitinho e que por nos conhecer parecem ler nossos pensamentos.

Tenho certeza que você lendo este texto lembrou-se daquela pessoa ou de uma situação que passou com a presença do “bola murcha”.

Mas, não deixe que este seja o personagem principal da sua história, você é o autor da sua vida, o detentor do seu roteiro, portanto pode dar o desfecho que quiser!

A hora da verdade I

Já pensou se pudéssemos dizer tudo que pensamos? Assim já é difícil a convivência, o mundo está se encaminhando de um jeito que terminará como começou: ninguém se entendendo mais. Por qualquer besteira muitas pessoas partem para a violência, quase ninguém quer escutar o outro e pior ainda quando as ideias são divergentes.

Mas, volto a pergunta: E se pudéssemos dizer tudo que pensamos? Segue *trailer* de como seria um diálogo:

Versão hoje:

— Olha, fiz escova progressiva, que tal?

— Ficou diferente! (o termo diferente deixa a desejar você não acha, leitor?)

Versão podendo:

— Olha, fiz escova progressiva, que tal?

— Caramba, tem certeza que a moça do salão não lhe aplicou uma regressiva?

Se você estava achando a ideia de dizer a verdade, somente a verdade, algo interessante, já vai mudando de opinião, esse exemplo do diálogo acima dói na alma das mulheres, digamos que não é bem isso que se deseja escutar!

Claro que não estou dizendo para sair mentindo por aí, apenas omitir algumas palavras que ferem, acredito que não há pecado algum, a não ser que a pessoa insista, aí meu caro vá fundo, doa a quem doer. Afinal cada um com seu cada qual..

Os invasores

Você já se deu conta de quantos invasores invadem nossa vida?

Olhe para dentro de casa, ela está sendo invadida pela poeira constantemente. Não gostou de ver seu ambiente infectado? Então olhe para fora... Abra a janela de sua casa... Xiiiiii, estrelando “as fofoqueiras” (estas são eternas invasoras, entra ano, sai ano...). Esqueça-as e olhe para o chão: insetos? Tudo bem, de alguma coisa vale assistir as propagandas =”SBP terrível contra os insetos”. Mas vale lembrar que a propaganda repete a expressão “contra os insetos”, **reforçando-a para que você utilize somente contra os insetos**, nada de sair por aí aplicando em outros tipos de invasores...

Como se não bastasse, você ouve o barulho de música alta do vizinho ao lado, invadindo a sua privacidade...

Melhor é retornar para dentro de casa não é mesmo? Então, você decide contemplar-se no espelho e... não, mil vezes não, o invasor e inimigo número um das mulheres: gordura localizada! Melhor dirigir seu olhar para o rosto. Mas céus, você percebe uma espinha, invadindo sua reputação. E como se não bastasse assaltantes invadiram sua casa, mas ainda bem que você não era famosa, assim pelo menos se livrou dos terríveis paparazzi que invadem a vida privada e não se deparou com nenhum detetive fuxicando a sua vida.

Nem tudo está perdido!

O preço do prazer

Sugestivo o título? Pois é, a “inspiração” para a crônica veio de uma pizzaria.

Estava sentada com minha família numa pizzaria da cidade, quando entrou dois casais e sentaram-se em frente a nossa mesa.

A loirinha (chamarei assim para identificá-la quando falar dela no decorrer do texto) chamava a atenção: elegante, bonita, com uma flor no cabelo. Ocupou a cadeira que ficava em frente à minha. Tudo aparentemente normal, mas não pude deixar de divagar nos pensamentos, sobre como nós mulheres nos entregamos aos sabores da pizza.

Passa a bandeja do garçom com fatias cobertas de champignon, que delícia, não resisto, nem a loirinha. Percebo que a elegância triunfal vai por água abaixo. A cada novo pedaço que passava a loirinha se embriagava, ficando a mercê dos sabores.

Agora é a vez de brócolis, hum! E a loirinha firme. Faço uma pausa. Percebo que a loirinha parece dopada a cada passagem que um garçom faz pela mesa, não recusa nada. Diante de um novo sabor que chega, ela ri à toa, não agradece nenhum. Sente-se deslumbrada e ri, ri muito. Fico desconcertada: é portuguesa, filé ao molho de conhaque, quatro queijos, cinco queijos, enfim, se passasse dez queijos ela não refugaria. Sim, gula, o 5º pecado capital, é isso que temos. E se a teoria procede, somos quase todas pecadoras, pois consta que o diâmetro da barriga não pode ser maior que a nossa cabeça (e se for MAIOR, creio que você não tem mais salvação!).

Sinto um reflexo da loirinha em mim. Meu Deus, banana com canela e ela não recusou! Acho que vou explodir. Sinto que a ambrosia me chama. Recuso pensar nesta sobremesa. Agora é a rodada das doces e com chocolate: branco, preto, com morangos, sem morangos. E a ambrosia me perseguindo. Sou forte. Mas a loirinha cede aos encantos da ambrosia e de outras amiguinhas (torta de bombom, pudim,) que estão sobre a mesa e de-vo-ra!

Tudo bem, no outro dia é só caminhar e fica tudo certo. Tudo certo?

Amanhã é um dia muito especial

Adoro aniversário e independente da idade em que se está comemorando, a data é sempre peculiar. O fato de você completar mais um ano de vida pode ser considerado uma festa. Demagogia? Não, visite um hospital e ouça os gemidos, saiba do caso de alguma pessoa com doença grave que necessite de morfina para acalmar as dores, entenda das situações daquelas pessoas que estão em estado terminal, assim você verá o dia do seu aniversário como “sensacional”.

Aqueles que mais reclamam do que festejam esta data, talvez seja porque nunca passaram por um “susto” na sua vida e com isso não aprenderam a agradecer mais um ano conquistado, independente de pequenas ou grandes realizações.

Valorizo esta ocasião e você pode não acreditar, mas gosto mais de dar presente do que receber, o fato de ver outras pessoas contentes me traz felicidade. Lembrando disso, já aprontei muitas coisas, dentre elas: organizei festas surpresas, fiz armações, pegadinhas ao vivo e em cores, telefonemas inesperados, mensagens ao vivo, brincadeiras saudáveis, nem me lembro de todas. Calma, pode continuar sendo meu (minha) amigo (a), nos últimos anos estou mais tranquila!

Considero cada fase da vida importante, é uma transformação e em especial lembro-me dos adolescentes. Falando desses devo dizer que amanhã é o aniversário do meu filho Lucas. Parabéns filhão e a todos que comemoram aniversário neste dia 10 de agosto.

Sei o que você leitor irá perguntar e por isso antecipo a resposta: Terá bolo, sim!

Delete-me, por favor!

Você tomaria algum medicamento a fim de apagar lembranças ruins?

De imediato pensamos nos benefícios que isso nos causaria, uma vez que apagaríamos o que nos perturba, aquelas memórias de nosso banco de dados que nos causam sofrimentos como os traumas sofridos em um assalto, acidente, um ataque de cachorro, dentre outros. Já imaginou que maravilha?

Mas em contrapartida há que se pensar em quantos problemas também poderia acarretar, casos como de testemunhas as quais deletariam fatos que as incomodam, mas que poderiam fazer a diferença num julgamento.

Entendo que a ideia maior que ainda está em estudo é apagar apenas as emoções associadas a uma memória ruim sem destruí-la, isso permitiria que uma pessoa pudesse se libertar do sofrimento associado à memória sem esquecer que aquilo aconteceu, assim preservaria o aprendizado.

Por enquanto é um estudo, há necessidade de mais testes na área a fim de verificar o efeito ao cérebro. Ainda penso que há situações as quais devemos passar e que nos tornam pessoas melhores, mesmo sendo cenas de sofrimentos, eis a razão de muitas vezes não as eliminar. Também não vou negar que gostei mais especificamente de uma das experiências realizadas com os ratinhos (nossas cobaias), aquela relacionada ao prazer do doce. Ao comerem doce, os ratos recebiam uma injeção, a intenção era fazer com que os ratos associassem o sabor com o enjoo, esquecendo o prazer que sentiam. A estratégia funcionou e logo os animais passaram a rejeitar comida doce. Sugestivo? Delete-me, por favor!

A finalidade das listrinhas...

Bastou sair na rua que surgiu assunto para a crônica. Há motoristas que pensam que faixa de segurança é apenas adereço de asfalto: não param!

Tudo bem que há pedestres que cometem verdadeiras aberrações ao através à rua (por exemplo: aqueles que fazem que vão e não vão) mas faixa de segurança é coisa sagrada, tem que respeitar.

Há motoristas apressados de segunda à domingo não sei com o quê e para onde vão, e como não temos pistas de corrida dentro da cidade, a parada na faixa é obrigatória caro motorista.

Seria bom ter sinaleira em todas as esquinas, assim, pelo menos, aquela pausa seria obrigatória (se bem que mesmo assim há alguns que voam no sinal vermelho).

Sou motorista mas também sou pedestre, assim gosto muito de colocar-me na situação do outro. Fico apreensiva ao atravessar na faixa em pistas únicas, pois quando um motorista permite (olha o poder deles, atravessamos quando permitem) vamos receosos até a metade da rua, pois nesse instante pode vir uma moto pelo lado ou outro carro e aí já era!

Faixa de segurança ou insegurança? Responda quem puder!!!

A veracidade dos fatos

Acreditamos naquilo que vem comprovado, é como uma espécie de INMETRO das coisas, nisso você pode acreditar porque fulano disse ou isso você pode comprar porque sicrano comprou. Assim como diz o ditado: só acredito vendo!

Bom seria termos sempre a mão um detector de mentira, já pensou que maravilha? Se o aparelhinho funcionasse mesmo... Enquanto isso a acareação ajuda bastante quando necessário.

A situação que me deixa tremendamente irritada é: Você entra numa loja, olha o que deseja e a vendedora fica no seu ouvido a buzinar que alguém levou um item igualzinho ao que você está interessada, dá nome e cargo do comprador na tentativa de tornar o objeto uma preciosidade. A esperança dela é a de ouvir: Há, mas se a deusa que você falou levou esta mercadoria, eu também vou levar!

Legal mesmo é quando alguém vem com uma fofoca, daquelas quentíssimas e conta para você com exclusividade, a pessoa se coloca de corpo e alma no episódio, mas basta ser questionada profundamente ou sentir que vai sobrar para ela, logo se perde toda. De protagonista rapidamente passa a mostrar-se coadjuvante, começa a alterar as falas, tenta modificar os fatos ditos e segue alterando o seu texto. Quem diria!

Observação: esta crônica contou com a participação de algumas ideias, uns toques de meu filho adolescente e futuro cronista, pode acreditar!!!

Pai: Você define!

Não sou a pessoa mais indicada para falar sobre o tema, mas como escrevi às mães no dia delas não tem como não falar de você, pai, aproximando-se da sua data comemorativa.

Se você pensou que eu diria: pai é isso, pai é aquilo, esqueça!

Nada melhor do que o seu dia a dia para provar quem você é.

Em meio a tantas transformações que ocorrem no mundo, o papel de pai teve que se adequar ao modo de educar os seus filhos. Além de preocupações corriqueiras, dentre elas- observar as tarefas de casa, controlar o horário do banho, agora a preocupação também deve ser com: contatos pela internet, o esclarecimento de que pai não é colega- com isso requer o devido respeito, tempo em que os filhos passam nos jogos para não ficarem histéricos, a divisão das responsabilidades de educador com a esposa e a escola, no decorrer do crescimento perceber o que deve ser explicado e o que ser protelado (aviso: a história da cegonha e da sementinha não cola mais).

Os filhos são presentes que devem ser embalados com muito carinho e limites, inclusive esbanje nesse quesito, pois precisam entender a posição que o PAI ocupa na vida deles e em decorrência disso sejam pessoas melhores.

Agindo assim é provável que você possa comemorar o seu dia com mais tranquilidade, aquela sensação de missão cumprida, sabe?

Mas não posso fazer nada, a escolha do modo de educar seu filho é você que define!

Feliz Dia dos Pais antecipado!

Manias e idiossincrasias

Todos nós temos manias. Uma são mais singulares, outras são atribuídas a um grupo.

Há poucos dias, após ler uma crônica de Michael Kepp, jornalista americano radicado no Brasil, o qual discute sobre a etiqueta telefônica brasileira, onde cita a mania de nós brasileiros de nos estendermos na despedida ao telefone, escrevi algumas manias e não poderia deixar de registrá-las aqui.

Quem nunca revisou várias vezes se as janelas estavam fechadas antes de sair de casa? Ou aquele (a) que retornou após chavear a porta para ter certeza de que o botijão do gás estava fechado? E falando nisso, o ferro de passar roupas após o uso torna-se uma espécie de ritual conferir se realmente o plugue fora retirado da tomada (mesmo que alguém o tenha utilizado duas horas antes).

Tem uma mania que eu diria fobia, que é dormir com alguma iluminação, seja abajur, cortina semiaberta ou a luz ligada (essa é fantástica, pois não deixa o sujeito sufocar!!!). Já que estou falando em dormir, há aqueles que precisam deixar a televisão ligada para conseguirem adormecer. Muitos, quando chegam em casa, com o intuito de afastar a solidão ligam algum aparelho eletrônico para não se sentirem sozinhos.

E o difícil disso tudo é quando achamos que as nossas manias devem ser estendidas aos que nos cercam, pois queremos que todos as adotem. Não sei se classificaria como mania, mas enfim, quando vamos à casa de alguém, esperamos que os talheres estejam na primeira gaveta e se eles não estiverem ficamos inconformados, pois fugiram a nossa regra...

Como se não bastasse, há várias pessoas que penduram as roupas no varal de acordo com o tipo de roupa, outras colocam lado a lado aquelas peças de roupa que são de cores iguais ou do mesmo dono.

Há uma espécie de mania que se torna obsessão, o fato de caminhar na rua e não encostar os pés à beira da calçada ou não poder pisar na divisão entre uma lajota e outra. E durante os percursos pela

cidade, fazer o sinal da cruz quando passam em frente à Igreja, para muitos, é praticamente uma obrigação.

Dependendo das atividades que a pessoa faz, do seu trabalho, da rotina, vai criando suas loucuras (se é que assim podemos chamá-las) como aquelas pessoas que leem as revistas de trás para frente.

Não poderíamos deixar de incluir nessa relação aqueles que têm como mania os ataques noturnos à geladeira, outros, já que estamos falando em comida, gostam de alimentos que misturem o doce e salgado ao mesmo tempo. Não é de se estranhar aqueles que preferem almoçar às 12h impreterivelmente mesmo que seja aos domingos. E ainda, há os que fazem barulhos estridentes colocando a língua entre os dentes após as refeições. E o que me diz de mascar chiclete e comer pipoca com a boca aberta? E aqueles que suspiram seguidamente?

Há ainda a mania de deixar para o último dia a solicitação de documentos, ou seja, estar em uma fila e reclamar por falta de atendimento, exigindo prorrogação de prazos... Sem esquecermos a falta de pontualidade que já virou mania, tanto para chegar a um compromisso quanto para iniciar algum evento.

Enfim, insegurança ou costume, continuaremos a conviver com essas manias...

Com qual delas você se identificou?

Mas bá, tchê!

Somos um povo singular, não tenho dúvida disso. Não somos melhores nem piores do que outras nacionalidades, porém nossa identidade é admirada por muitos estados. Falo isso por experiência, o fato de ter residido em outro estado por determinado tempo me fez perceber o quanto nosso povo é reconhecido, e é isso.

O Rio Grande do Sul tem o privilégio de ostentar belas paisagens, grandes autores e músicos, além de nossas tradições serem marca quando se caracteriza a figura do gaúcho. Lembro-me de uma colega do Paraná, onde residi, que ficava admirada, por exemplo, com o nosso chimarrão. Ela dizia que se encantava ao ver os gaúchos beberem chimarrão numa roda, bebida esta usada como pretexto para unir as pessoas, uma forma de afeto, encontro.

Com a cuia e a erva, você faz a festa, pode tomar do jeito que quiser e como quiser: mate doce, mate de leite, tererê, mate morno, mate com chá. Eu especialmente prefiro quente, bem quente.

Garanto que agora você está lendo e saboreando seu chimarrão, sossegado (a) no seu rancho. Não se esqueça de passar adiante a cuia, lembre-se “ela não é microfone”!

Por chamarmos a atenção em várias modalidades, decorrem as piadinhas gaúchas e algumas imagens deturpadas de como vive o gaúcho.

Bueno, nesse caso não se meta em peleia, chama de vereda o índio para charlar na querência e passa um pito no guri, diga que baita povo nós somos, se ele se arrepender e ficar incebandando ofereça um amargo e um delicioso cacetinho, assim amansa o guapo e o deixa mais faceiro que guri de bombacha nova!

Afinal continuamos defendendo nossas ideias com coragem, mas sem revolução! Sem revolução? FELIZ DIA DO GAÚCHO!

Invertendo papéis

Você já parou para pensar nas coisas que sorrateiramente vão se modificando e nem nos damos conta?

Analise os exemplos: Crianças pequenininhas mandando nos pais ou decidindo por eles, colaboradores querendo comandar seus líderes, estudantes conduzindo a aprendizagem, decidindo o que querem aprender, como querem e se querem, além disso, avaliando os professores (para quem está tempo longe da educação pasmem com essa!) e exigindo como desejam ser avaliados. Ainda, algumas pessoas valorizando mais animais do que seres humanos, jogadores de futebol jogando por dinheiro e não pela camisa de um time, pessoas presas dentro de suas casas e ladrões soltos. Continuando, o bandido é o herói dos filmes e o mocinho se dá mal, coisas fúteis são mais importantes e os sentimentos ficam em segundo plano, inverno parece que dura quase o ano todo no RS e o verão ainda persiste no início do inverno. Pessoas se isolam cada uma com seu aparelho eletrônico e a comunicação verbal não acontece, a noção de tempo modificou- é tudo mais rápido do que antes, até o acordo ortográfico deu sua contribuição retirando o acento nas paroxítonas de ditongos abertos. Estou delirando ou estes fatos são verídicos?

“Mas as coisas mudam. As pessoas mudam. A mudança é uma das leis inevitáveis da natureza, cobrando títulos sobre a vida.” Nicholas Sparks.

Algumas são aceitáveis e outras impostas...

Marga em apuros

Peguei-me num dia desprevenida, sem livro, sem bloco de rascunho, sem *not*, então o que pude fazer foi observar assuntos para compor minhas crônicas.

Confesso que foi progressivo esse meu dia, muitos fatos sucederam, mas foram trechos que tive que anotar na minha secretária eletrônica: memória. Exercitei-a bastante, pois não poderia esquecer de nada quando chegasse em casa.

Devo dizer que escrevo para um público variado e isso faz com que as cenas da vida real que visualizo se adequem para qualquer idade, cor, faixa etária, credo, tamanho, peso, gosto, cor, sabor e amor!

Desculpe-me em escrever o título pelo apelido, mas é assim que prefiro ser chamada, achei que esse fosse o momento de você saber. Aliás, eu mesma me analisei neste dia em que estive sem meus apetrechos de escrita. Meu segundo nome é Maria, mais uma da sua lista, com certeza querido leitor. Somos tantas por aí. Eu sou Maria, filha de outra Maria (também no segundo nome). Na graduação havia eu Margarete Maria e uma colega Maria Margarete (não sei se o nome fica pior assim ou melhor) mas me dei bem. No final do ano houve um amigo secreto e a pessoa que pegou a minha colega achou que era eu e acabou entregando um livro para mim e aquela que havia tirado meu nome entregou para a outra o presente que era para mim: jogo de guardanapos (desculpa quem gosta, mas não sou a fã número 1 de guardanapos, acho até bonitinho, um lindo trabalho artesanal, mas não sigo a corrente das adeptas de guardanapo dentro de casa).

Fui um dos objetos de análise desse dia, como já disse, sem meus aliados de escrita, as outras ideias às quais mergulhei no referido dia, contarei aos pouquinhos, por enquanto vou me apropriar de chavão: não sai daí não, fique ligado, que eu volto, ah volto e como volto...

O indispensável guarda-chuva

Com a chegada do inverno além do frio, nos deparamos com o vento e as chuvas. E para essas ocasiões nada melhor que o tradicional guarda-chuva. Objeto que não cai de moda, é um desfile de cores, tamanhos e modelos. Muitos guarda-chuvas são descartáveis. Em alguns deles precisamos arrumar as varetas antes de usar, já os automáticos, salvem-se quem puder, abrem de repente. Os pequenos, portáteis, cabem nos cantinhos das bolsas, mas não têm durabilidade.

O guarda-chuva é um eterno escudo que nos ampara em várias ocasiões: protege-nos da chuva, do sol e do vento. Em muitos momentos temos que optar em deixá-lo fechado ou aberto e ele voar!

Há diversas situações que passamos ao lado do guarda-chuva. Ele pode exercer outras funções: ser utilizado como defesa contra ladrões, bengala de apoio aos velhinhos ou no frevo durante o carnaval de Recife.

Com a utilização do guarda-chuva, muitas histórias vêm à tona. Outro dia, uma conhecida me contou que perdeu três guarda-chuvas no mesmo dia: o primeiro esqueceu dentro do ônibus de manhã quando estava indo para o trabalho; o segundo após ingressar numa loja, deixou no suporte na entrada do estabelecimento e quando foi sair o objeto não estava mais lá; e, o terceiro, enquanto dirigia-se para casa no final do expediente, apareceu um vendaval com forte chuva, o guarda-chuva virou e acabou quebrando. Este realmente não era o seu dia de guarda-chuva, digo, de sorte.

Outro caso é de uma amiga que levou seu guarda-chuva tamanho família para o concerto, daqueles mais reforçados que valem a pena arrumar. Quando foi buscar o objeto, o atendente informou que havia trocado o guarda-chuva e minha amiga não teve outra solução: levou um guarda-chuva velho para casa, nada parecido com aquele que deixara.

O precioso guarda-chuva já serviu de inspiração, vale lembrar o filme “Cantando na Chuva” escrito por Adolph Green e Betty Comden e a poesia de Flávia Muniz: “Meu guarda-chuva colorido voou pela

calçada de Copacabana. Levou minha armação de varetas móveis até o banco onde está sentado Drumond- o poeta choveu palavras à beira mar.”

Outra situação foi da cantora Rihanna, à qual *choveram* bons contratos, após parceria com um fabricante onde nos guarda-chuvas estava estampada sua imagem. Aumentou sua fama pela divulgação e faturou uma grana com a venda deste produto em 2008. Já a designer Cecilia Felli aplicou o re-utilizar e criou saias com restos de guarda-chuvas. Que tal que essa moda pega?

Para mulheres supersticiosas e solteiras vai uma dica, dizem que ficar embaixo do guarda-chuva aberto dentro de casa espanta marido; então, nada de usar guarda-chuva para se proteger sei lá do que dentro de casa! E falando em chuva, adoro dormir escutando o som da chuva. Aproveitem o inverno, apreciem a chuva e escolham um bom guarda-chuva!!!

Qual é o seu problema?

Quando uma nuvem escura e espessa se forma diante de nós (ou de nossas cabeças- como queira denominar esse acontecimento), é possível observar que vemos as coisas por apenas um ângulo e este, geralmente, é negativo.

Se pudéssemos perceber “o lado bom da vida” tal qual é o título do livro de Matthew Quick, ficaria mais simples resolvermos os problemas. Mas, às vezes, basta aparecer um empecilho e tudo o que parecia um probleminha toma uma proporção gigantesca. Com isso, nos consideramos os únicos seres na face da terra que possuem dificuldades. Tornamo-nos o centro do universo e respiramos obstáculos.

Vamos discutir a relação: O que há de errado conosco? Não enxergamos um palmo diante do nariz? É preciso realmente sentir tanta piedade de nós mesmos? A palavra “pena” me afugenta, é um dos piores sentimentos que possa existir, pelo menos eu considero.

Sinto dizer, mas nossa corrente de problemas não tem fim, é uma sequência que se apresenta, resolve um, acrescenta outro. Assim, precisamos saber conviver com eles, tentar sair-se o melhor possível e apesar deles, continuar vivendo plenamente para não criar por meio de nossas angústias outros problemas...

Que bom que você concorda comigo e está tentando fazer o melhor para si mesmo. Essa sua atitude é uma terapia maravilhosa.

Nosso querido Charlin Chaplin dizia: “Nada é permanente neste mundo cruel. Nem mesmo os nossos problemas. ”

Viu?

A denominação das pessoas

É interessante o que um nome pode representar na vida dos indivíduos.

Muitas pessoas veem seu nome como status, outras, devido ao nome ser muito simplório e nada atrativo, acabam alterando seu registro, como é o caso de personalidades famosas.

Há nomes e sobrenomes glamorosos que marcam a história. Em razão disso justifica-se o orgulho de possuir o sobrenome X, pois ao pronunciá-lo, não basta dizer em bom tom, citam ainda a origem.

Existem nomes que deveriam ser banidos do planeta, porque mais parecem “palavrões” do que qualquer nome próprio. É admirável a coragem dos pais ao colocá-los!

E o que dizer dos sobrenomes difíceis e cheios de consoantes, que nos deixam de “saías justas” quando temos de pronunciá-los durante um protocolo?

Para amenizar a pronúncia dos nomes e sobrenomes complicados, surgem os apelidos. Estes aproximam as pessoas desde que haja consentimento da pessoa citada e que esta goste, caso contrário, se tornam inconvenientes.

Muitos meninos levam o nome do pai e o que os distingue é a extensão “Filho” ou “Júnior” após o sobrenome. Difícil torna-se quando os filhos crescem e são chamados pelo nome sem extensão e ao atender a ligação junto ao telefone sempre se torna necessário perguntar: Você quer falar com o pai ou filho? (isso gera certo transtorno...).

Alguns pais escolhem o nome do segundo filho rimando com o primeiro, talvez imaginando que no futuro se tornem uma dupla sertaneja!!!

Há ainda futuros pais que recorrem à lista dos significados dos nomes para auxiliá-los na escolha, uma vez que o mesmo deve ser bem elaborado, pois os filhos terão de conviver o resto da vida com o nome.

Mas, opiniões nesta situação não faltam. Todos da família querem contribuir com opções de nomes a cada vez que se toca no assunto “nome para o bebê”.

E o que dizer dos nomes idênticos que provocam muitos transtornos? As manchetes são quase sempre negativas, pois não se ouve noticiários do tipo “João do RS recebeu uma herança por engano porque tinha o mesmo nome do João do RJ”. O que se escuta no noticiário é: João do RS foi preso por engano uma vez que o seu nome era idêntico ao do João do RJ.

Contudo, o que vai promover a exclusividade do nome é a maneira de agir e de pensar de cada um.

E você, sabe por que seus pais o registraram com este nome???

Assaltante devolve o troco

Essa é boa! Rapaz caminhava normalmente pelas ruas de uma determinada cidade da região quando foi abordado por um larápio portando um objeto afiado, mais precisamente uma faca.

O assaltante desejava desesperadamente R\$ 5,00 reais. A vítima, portando somente 10 reais no bolso, resolve negociar. Alega não ter uma nota do valor requisitado, somente de dez reais, assim pede o troco.

Prontamente o meliante concorda, pois tem R\$ 5,00 no bolso. Com isso, devolve os cinco reais à vítima.

Feita a negociação!

Um com urgência em se livrar do moleque, o outro querendo desesperadamente resolver seu problema financeiro.

Nessa história verídica, nenhum saiu machucado.

O que se percebe: Tudo é possível, embora não admissível.

De agora em diante você já sabe, procure andar prevenido, facilite o troco!

Filosofia chinesa

Estive pensando, quem de nós ousa cumprir à risca a filosofia chinesa para se viver melhor: comer a metade, caminhar o dobro e rir o triplo.

Em se tratando do primeiro item, embora alguns consigam fazê-lo e outros tentem, é cruel observarmos que nossos olhos são grandes demais diante de um apetitoso prato bem ornamentado, assim, fica difícil resistir às tentações.

Quanto a caminhar, creio que muitos se exercitam dessa forma, porém, ainda é o básico que executamos, com exceção dos persistentes e dos atletas. Certamente, reconhecemos que muitas pessoas estão cada vez mais se dando conta de que é preciso sair da vida sedentária a fim de adquirir a qualidade de vida tão almejada.

No terceiro item – rir, muitos se superam. Há risadas que nos dão prazer em escutar, há pessoas, inclusive, que parecem estar sempre sorrindo, outras, ainda, expressam na região dos olhos a felicidade.

Entretanto, sabemos que cada uma das atividades citadas tem sua importância, assim, se nos dermos a oportunidade, com certeza chegará o dia em que conseguiremos atingir a plenitude da filosofia chinesa e isso não é utopia!

Adote essa ideia!

Foi bom para mim...

Sei de várias situações de colegas de aula que depois de anos distantes se reencontraram, alguns inclusive gravaram numa árvore uma data para isso, outros procuram na internet por contato de antigos amigos e há ainda as pessoas que por coincidência se deparam com aqueles que não veem há anos. Foi o que aconteceu comigo a mais ou menos quatro anos atrás. Fui fazer um curso em Rio do Sul-SC e o micro-ônibus havia passado por várias cidades antes de chegar a Carazinho onde eu o estava esperando. Depois de uns minutos na viagem, o veículo fez uma breve parada para um lanche e quando os passageiros retornaram vi que uma moça que estava sentada mais para frente olhou em minha direção e disse: Nãããão! Como é teu nome?

Eu olhei para trás pensando que a pergunta não se dirigia a mim, mas como não tinha ninguém ali perto, perguntei: Eu? Ela fez que sim movimentando a cabeça e então respondi meu nome. Na hora ela disse: (aqui imagina-se o meu apelido, o qual não revelarei).

Pronto, meu antigo apelido estava revelado e assim em público, eu, ela, e mais treze pessoas que estavam retornando assistiram à cena. Claro que era alguém que me conhecia e há muito tempo, pois minha identidade secreta era secreta mesmo.

Prova de que realmente tenho meu lado auditivo aflorado é a de que reconheci a voz dela, mas seu perfil não tinha nada a ver com aquele que conhecia há tempos.

Foi emocionante revê-la!

Posso dizer que além do aprendizado adquirido no curso encontrei a amiga Adri (conterrânea da Gisele Bündchen) que é pura energia, me diverti muito com ela, afinal amigos nos fazem felizes e em homenagem a ela que é uma apaixonada por Fernando Pessoa aí vai: “Tudo vale a pena quando a alma não é pequena”. O mundo é que é pequeno e fez nos reencontrar!

Admita, você já mudou

Quem nunca mudou de opinião?

Claro que para isso acontecer precisa e depende de cada um, dos motivos que o levaram a isso e como reage a mudanças.

Muitas pessoas são difíceis de mudar por pura birra, não admitem estarem erradas. Algumas até aceitam, mas não agem de acordo com o que admitiram e há aquelas que permitem mudar, sem arrogância, tentando eliminar vários preconceitos (embora de alguma forma sempre estejam impregnados).

As crianças são típicos exemplos que nos levam a mudar de opinião, muitas vezes os argumentos por elas apresentados, nos deixam boquiabertos, ficamos sem contra-argumentação.

Há situações que acreditamos ser a nossa opinião correta, temos todos os motivos para acreditar nela, mas aí chega alguém mais experiente e devasta nossa soberba sabedoria. É como um quarto organizado, tudo no seu devido lugar, decorado e pronto para ser usado, mas basta um vendaval e tudo se acaba em instantes. Somos derrotados em nossa fragilidade orgulhosa de querer admitir que não podemos errar.

Ou você acha que estou enganada, pode dizer, estou disposta a mudar de opinião, mas você terá que apresentar bons argumentos!

Gafes, quem nunca as cometeu?

Fui entrar em uma loja, horário comercial, portas trancadas. Pensei que fossem automáticas então fiquei parada na espera de um “Abre-te Sésamo” como em *Ali Babá* mas nada aconteceu. Olhei para o lado havia uma abertura à esquerda, eu disse “abertura”, seria ali a entrada? (gafe nº 1) Vou andando rapidamente numa manhã chuvosa, fria e escura (bem cedinho). Eu estava hiper incrementada para a estação de inverno: botas cano longo, luvas, casacão, toca, tudo que se tem direito. Dou o azar de tropeçar com a ponta da bota e isso me faz andar quase um km com uma pasta pesada na mão a ponto de quase cair de bico, cena patética, quem viu a cena provavelmente poderia jurar que eu estava embriagada já cedo. Pude apenas perceber setas envenenadas vindo na minha direção, puxei a toca para cobrir todo o rosto, nesse instante, segura na mão de Deus e vai... (gafe nº 2).

Gafes, quem nunca as cometeu, que jogue a primeira palavra errada no lugar errado e na hora errada, pronto já a cometeu!

O nosso big brother acontece aqui!

Foi-se o tempo em que sair descabelada e sem batom passava despercebida! “Ninguém vai ver” esqueça essa expressão. Basta você colocar o pé fora de casa e zás, há uma lente em algum lugar filmando, vigiando seus passos. Ninguém passa invisível não. Quer comprar uma roupa, pode dar um tchauzinho, pois a dita filmadora está lá mais firme e forte do que nunca.

Pensou que se livraria dela, mas bastou entrar no consultório, lá está ela nos perseguindo, tirando nossa privacidade. Quer fazer um lanchinho rápido já que não tem muito tempo, bocão de cachorro quente= cuidado! “Ela” pode ver seu interior agora.

Somos monitorados 24 horas por dia. Se desejar você pode utilizá-la no seu celular e sem sair de casa.

Sacanear os amigos no supermercado, colocando mantimentos nos carrinhos deles também não pode mais: Sorria você está sendo filmado!

Esta é a era da espionagem, quer guardar segredo, esqueça! Sem contar que sempre há aquela espiadinha no *face*, mas este é um conto de fadas, todos felizes e realizados...

Gostosuras ou travessuras?

Achou que eu falaria de *halloween*, hein?

Não! Não! Não! Esse título nos remete às crianças.

Que fase maravilhosa essa que fica registrada para toda a vida, tudo é divertido e muito gostoso. Confesso que não fui uma criança muito quietinha, porém sempre fui obediente, algo que sinto falta em boa parte das crianças de hoje. E não adianta jogar a culpa na escola, nas tatas, ou seja, transferir responsabilidades, o conceito continua em vigor: a educação vem de casa.

Uma criança saudável corre, pula, brinca, mas deve saber os seus deveres. Percebo que hoje elas sabem muito mais as obrigações dos pais do que delas próprias. A expressão *limites* é tão comentada, porém tão pouco executada...

Quando me lembro da infância associo na maioria das vezes com atividades realizadas ao ar livre e cá entre nós, eu não conseguia caminhar, só correr, por isso meus parentes chamavam-me de ventania!

As crianças de hoje provavelmente quando adultas associarão a infância com atividades que acontecem em ambientes fechados: jogos de computador, entre outras. É uma faca de dois gumes, se por um lado precisamos evoluir e acompanhar a modernidade, por outro lado necessitamos resgatar atividades que desenvolvam mais a coordenação, o compartilhar, sem violência, sem egocentrismo. O que também por meio dos jogos é possível, inclusive pedagogicamente, tema para outra crônica de outro livro.

Fazer peraltices faz muito bem, aquelas malandragens saudáveis que despertam para a criatividade e sabe-se o quão necessário é preciso ser criativo na vida profissional adulta já que estratégias aprenderão de sobra em alguns jogos de computadores.

E aí crianças: Gostosuras ou travessuras? Faça sua escolha! (antecipo a sua pergunta, pode ser as duas juntas, nada mal)

Imaginar é viver

Tudo nessa vida tem que pagar e aquilo que não se pagava antigamente, hoje se paga, como a água por exemplo.

Mas ainda resta algo que podemos nos orgulhar de usufruir sem custo (pelo menos por enquanto, pois do jeito que está a tecnologia nem isso poderemos desfrutar). Refiro-me a imaginação, ela é gratuita e sem censura, pode usar à vontade.

Aquilo que você não pode dizer naquele momento de irritação, a imaginação permite você fazê-lo, porém devo adverti-lo: guardar rancor faz mal à saúde e segundo William Shakespeare “é como tomar veneno e esperar que a outra pessoa morra.”

Mas a imaginação é boa quando pode ser usada para viajar literalmente. Ela é sinônimo de fruição e de antecipação das coisas que sonhamos acontecer daqui a dias, meses, anos e de quebra ajuda a pensar positivo, o que torna a realidade muito melhor. Antecipar algo de forma positiva, faz acreditar que pode acontecer.

Mas calma, não vá sair por aí dando uma de vidente, é só uma simples imaginação, você não tem poderes mágicos garoto (a), apenas viva e imagine, nada mais. Seja um seguidor de John Lennon:

“Imagine todas as pessoas

Vivendo a vida em paz

Você pode dizer

Que sou um sonhador

Mas não sou o único”

A bola rola

Objeto tão simplório, mas que originou este texto: a bola. Ela simplesmente pode ser comparada a nossa vida.

Para muitos basta deixar rolar para que assim o tempo passe, já que um dia esse tempo vai terminar mesmo. Quando se está ganhando, ótimo, motiva a correr mais atrás dela, persistir, pois, sempre há chances de vencer. Caso esteja perdendo o controle sobre ela, muitos jogadores desanimam, alguns ficam violentos, outros reagem sem dar importância.

Para boa parte dos jogadores da bola da vida, se não deu desta vez, a próxima partida promete, pois, a rivalidade é grande e há muitos jogadores bons, preparados. E aí que entra o seu diferencial, não basta jogar com uma perna só, é preciso saber chutar com as duas, um bilíngue no esporte. Não é querer demais aprimorar-se, afinal, as oportunidades existem.

Mas por incrível que pareça, a maioria ainda são os garotos que nascem com a bola no pé e em pouco tempo sabem dominá-la com segurança, nesse caso se as meninas não se agilizarem no campo, tornar-se-ão uma bolinha e daquelas que se encontram nas piscinas enormes localizadas dentro no *shopping*.

Além disso, se por um lado pode vibrar com a bola nos eventos, por outro, ela também pode assustar, principalmente quando não se está preparado para lidar com a bola que não é familiar, o desconhecido proporciona medo. É, definitivamente esse é o ponto crucial.

O quê? Não acredita que há necessidade de fazer reflexões sobre a vida? Pois saiba: você está redondamente enganado!

Será que o dia foi bom?

Poucas pessoas avaliam o seu dia. Bem, no meu caso, eu e minha família temos o hábito de todos os sábados avaliar a semana que passou e citar ao menos um acontecimento positivo que tenha ocorrido. Sempre há algo interessante a contar. Aliás, existem várias coisas boas, basta nos dedicarmos um instante e pensarmos. Não precisam ser relatados feitos grandiosos, mas um passeio inesquecível, um feriado da semana que permitiu que eu passasse mais tempo com a família, uma ansiedade diminuída, a amiga inesperada que apareceu, gargalhadas com colegas, um livro maravilhoso, um trabalho concluído, um fato esclarecido, um novo visual, uma noite bem dormida, um apoio encontrado, uma ideia de texto para a coluna do jornal, uma mensagem de amigo, um novo restaurante, um elogio sincero, a chuva que acalma, a rinite que passou, o dinheiro extra que chegou, pessoas inteligentes e humildes que conheci, o carinho que ganhei, a homenagem gratificante, o curso que finalizei, as informações que tanto esperava e as consegui, o objeto perdido que achei, a atenção que me foi dada, uma palestra que assisti, a contribuição que despendi para tornar-se uma pessoa melhor, a felicidade que espalhei, a informação importante que lembrei, o conhecimento que adquiri, um amigo que encorajei, a rifa que comprei com intuito beneficente, o artigo que escrevi, as vozes que escutei, a saúde em que me encontrei, a música que cantei, os lugares novos que descobri, o acordar de um pesadelo, a proposta de trabalho que recebi.

Enfim, a tendência das pessoas é esquecer essas coisas que nos tornam melhores e ficar se lamentando pelas desgraças. Que tal mudarmos esse quadro?

Heróis ocultos

Cada pessoa tem um herói. Este não precisa ter superpoderes, basta ser alguém que enfrenta desafios, sobressaindo-se no que faz e que por algum motivo específico o admiramos. Segundo o dicionário, herói é o indivíduo que se destaca nas suas proezas guerreiras, por seu grande valor e coragem. Nossa história é formada por diversos heróis.

Hoje, vários heróis administram países, outros administram empresas e muitos administram suas casas. Por serem tão bons naquilo que fazem somos seus fãs e não abrimos mão disso.

Para exemplificar não precisamos pensar em pessoas que estão longe, basta lembrarmos das mulheres (verdadeiras divas) que cumprem tripla jornada, pois trabalham fora de casa no turno diurno, no noturno ainda tem os afazeres domésticos, sem contar que devem dedicar um tempo à família e ainda se aprimoram para serem melhores profissionais.

Em se tratando de aperfeiçoamento outro herói que pode ser marcante é a pessoa idosa. Quantos ensinamentos! Mas este é um herói que está se extinguindo, infelizmente, pois até pouco tempo era considerando alguém com experiência e respeito.

Eu também tenho um herói, este me acompanha por muitos anos, sabe sentir o que estou passando a distância, é forte e defensor, leal e honesto, este é meu esposo, um herói com motivação em tudo o que faz, sabe administrar a sua vida de forma exemplar e ainda é suporte da família, tendo a palavra certa no momento em que precisamos ouvir.

Sei que fica difícil citar todos os possíveis heróis que possam fazer parte da sua vida, mas fiquei curiosa para saber: afinal, qual é o perfil do seu herói?

A cortesia é por conta da casa

Percebo que a cortesia está em falta na sociedade! Sinto saudades de ouvir “É cortesia da casa”. Além disso, ser cortês implica em ser gentil, primeiro passo para a humildade. Não custa nada um muito obrigado (a) para agradecer ao motorista do táxi, ao motorista do ônibus que nos prestaram um serviço remunerado, mas que o fizeram com tamanha boa vontade e de nós convém à educação.

Que tal ser gentil com a gestante, à qual pode e deve passar a nossa frente numa determinada fila? E a atenção que devemos despende com quem está falando conosco? Tudo bem que a nova geração consegue fazer várias coisas ao mesmo tempo: ouvir músicas, ler, olhar televisão e conversar, mas um olhar e um retorno por meio de uma palavra com quem está falando está previsto como primeiro passo a um aprendiz de cortês!

Sem esquecer da preferência no assento de ônibus ao idoso e tudo leva a crer que nós seremos bem mais velhos do que nossos pais e avós conseguiram ser, assim, também iremos envelhecer.

Em contraposição temos que ser gentis com as crianças. Estas igualmente merecem atenção. Em muitos lugares, a criança espera bastante para ser atendida porque ou adultos passam na sua frente ou o atendente finge não a perceber.

No entanto, basta um olhar atento em exemplos de grandes líderes os quais nos mostraram e continuam mostrando que é possível ser cortês e ser feliz. Afinal, quem disse que autoridade tem a ver com rispidez?

Essa é por conta da casa!

Somos um misto: presente, passado e futuro

Impressionante que nosso assunto preferido numa roda de amigos ou em família seja lembrar fatos passados. E isso se agrava a partir da meia idade. Quando familiares que há tempo não se viam se encontram ou amigos que há muito não se enxergavam se esbarram, aí o negócio vai longe...

Estava num restaurante almoçando no domingo e comprovei o que já havia observado. As pessoas numa mesa contavam coisas passadas, um senhor demorou para concluir seu almoço, parece que nesse momento mergulhamos tão fundo em divagações que nada mais importa.

Com certeza, o que fazemos hoje, daqui a alguns anos entrará para o rol de episódios marcantes. O nosso presente medeia o passado e o futuro. Eu, por exemplo, lembrarei: em meados do ano de 2016 comentei com os leitores sobre isso que estamos fazendo hoje, é meio doido não é mesmo? Vivemos de recordações, produzimos no presente as recordações para o futuro.

Mas se isso faz bem, é o que importa. Então seja feliz, capriche nas suas atitudes hoje para ter boas recordações.

Exclusividade

Somos únicos, identidade e voz. Precisamos a cada dia perceber que nossa marca é exclusiva, não há necessidade de imitar os outros.

Há muitas cópias circulando por aí, não falo apenas na mídia, é impossível não darmos uma espiadinha e plagiarmos os outros em alguma coisa. Não estou dizendo que você não deva aprender e admirar pessoas, estou me referindo àquilo que consideramos que do outro é sempre melhor, assim passamos a ser eternos insatisfeitos.

Somos seguidores, muitas vezes, do que não concordamos: marcas, adereços, personalidades. Precisamos respeitar mais a nossa vontade e pronto!

Para agradar o outro é preciso sim o jogo de cintura, afinal ninguém deve viver como se estivesse sempre na defensiva, porém a forma de nossa aceitação perante os outros irá depender do quanto formos verdadeiros e soubermos administrar isso com cautela.

Mas não vá ficar se achando por aí, há coisas que não são permitidas! Eu disse satisfazer à vontade, mas dentro das possibilidades...

Vai ser difícil, eu sei, mas comece aos poucos seguindo a sua intuição, não a dos outros e estará no caminho certo.

Depois me conte, quem é você afinal!

Família eh! Família ah!

Com as mudanças que ocorrem na sociedade, não há como negar que a instituição familiar também necessite acompanhar essas transformações para melhorar o relacionamento entre os integrantes.

Içami Tiba, autor famoso por proferir palestras e publicar livros (o qual já nos deixou), dá um show de informações no livro “Família de Alta Performance” nos mostrando como é possível manter uma estrutura familiar atualmente. Além disso, o autor apresenta os motivos de termos certas atitudes e comportamentos e o que podemos fazer para sermos melhores na família, na sociedade, enfim, nos aprimorarmos.

A importância de cada um para manter e fortalecer os laços familiares está no fato de que a independência, o morar sozinho, está aumentando muito e mesmo que haja computador, televisão e celular como alternativa para quebrar o silêncio existente, isso não substituirá a conversa e o carinho daqueles que nos cercam. A solidão adocece.

Precisamos viver com sabedoria, sabendo equilibrar atividades, dando atenção merecida aos familiares, vivendo intensamente e não como meros corpos presentes!

Síndrome da complicação

O que é mais complicado: Acreditar que não aconteceu ou perceber o ocorrido e desabar em choro? Sofrer por antecedência e tomar as precauções ou ser pego desprevenido? Conviver com as tribulações ou se esquivar a todo o momento delas? Ter tudo ou não ter nada? Matemática ou português? Homens ou mulheres? Aparelhos antigos ou novos? Entender os seres humanos ou os animais? Escutar ou falar?

Cada um tem um ponto de vista para responder as indagações acima de acordo com as “vozes” que carrega dentro de si. Freud já dizia no seu livro “O mal-estar na civilização”, que conviver pode ser complicado e nisso talvez consista a maior fonte de infelicidade. Certo estava o “pai da psicanálise”, pois nunca estamos contentes e a culpa é sempre dos outros...

Por que complicamos tanto? Precisamos amadurecer mais sobre isso!

É o seu?

Ele está por toda a parte, nem no banheiro abandona seus companheiros. Calma querido leitor, não falarei nada obsceno, apenas estou me referindo ao celular. O barulho desse está em todos os lugares que passamos e muitas vezes com o toque idêntico ao nosso, e para completar, muitas vezes, fazemos o mico de atender e é o do outro que está tocando.

O despertar é variado, músicas de todas as estirpes, volumes por vezes, assustadores. Sabe aquele momento que você está na sua paz de espírito e o dito cujo de alguém toca? Você dá um salto e a pessoa não consegue encontrar o aparelho, mergulha dentro da bolsa e não encontra (principalmente nós mulheres que carregamos tanta parafernália ali), olha nos bolsos (há bolsos esparramados por tudo em sua roupa).

E quando o indivíduo atende, então? É uma gritaria só, deste lado e do lado de quem está falando. A pessoa que está na linha parece que faz jus a um microfone, todos ficam sabendo o endereço para a churrascada, é só chegar!

Aliás há vários jeitos de atender o celular. Alguns atendem tão discretamente que você nem percebe que há alguém telefonando, já outros, como o citado acima, anunciam que há uma ligação. Muitos vão direto ao ponto quando atendem: “fala”. Sem contar aqueles que resolvem ali mesmo, sem pudor nenhum, a sua relação.

Ainda, o celular hoje com o avançar rápido da tecnologia, principalmente em se tratando de celular (você não consegue acompanhar, quando pensa que está na moda já estão lançando outro) é usado para muitas coisas, inclusive, alguns apresentam leitor de retina.

Nesse entrelaçar de sons e cores, tamanhos e formas de atendimentos, o fato é que não vivemos sem esse aparelhinho.

Portanto, fique à vontade, vai com tudo, se joga!

Elas x eles

Os homens quando se encontram falam de futebol, carro, mulher e trabalho. As mulheres quando se encontram falam sobre moda (roupas, bijuterias, cabelo), amigas, comida (pode incluir livro nessa!). Observamos que quando as mulheres se encontram sempre rola uma comidinha. E ainda nos perguntamos por que engordamos com facilidade! Creio que somos mais frágeis a doces e salgados e resistimos menos a tentações! E isso é histórico, pois fomos nós que devoramos a maçã do paraíso ou quem sabe era massa e os tradutores nos pouparam dessa!

Eles quando se encontram sempre rola uma cervejinha. Nós *ainda* nos contentamos com o tradicional chimarrão.

Nós nos encontramos e nos chamamos por apelidos, geralmente as iniciais do nome, Sil, Adri, Rô. Eles quando se encontram carinhosamente se chamam cabeça, careca...

Quer alegrar a um homem? Levem-no a uma concessionária. Quer alegrar a uma mulher? Deixem-na por horas num *shopping*, lojas, (no meu caso pode incluir livraria) e elas farão sucesso.

Veja você mesmo

Mais uma vez Danielle Steel revela seu talento em nos envolver em suas tramas bem elaboradas. Estou me referindo ao livro “Desencontros”, cujo tema, frequentemente nos deparamos na realidade: câncer de mama. É tão bom ver quando alguém consegue superar a doença, gostamos de finais felizes.

E por falar em final, embora a personagem tenha vencido a doença, o livro não termina tão bem. Tire suas próprias conclusões a esse respeito se resolver fazer a leitura do mesmo. Concordo com o perdão, mas o companheiro de Alex (a personagem com câncer) a abandonou na história durante todo o tratamento, no momento em que ela precisava muito. Depois que ela superou o problema, ele quis retomar o casamento e ela deu uma chance ao marido.

Tenho certeza de que mais leitoras concordam comigo que este final merece uma reflexão. Mas enfim, é ficção meninas, damos um desconto. Ou será que acontece na vida real?

Até a próxima!!!

Pão-duro

Quantas e quantas vezes ouvimos: Fulano é pão-duro. Tal expressão abrange muitas coisas.

Eu conheci um velho na minha infância que só oferecia as frutas quando estavam caídas no chão (as que estavam no pé possivelmente eram de estimação!).

O pão-duro ou come unha ou unha de fome, como preferir; é um ser preocupado com seu próprio umbigo e pelo jeito não tem nenhum problema em ser sozinho. O mundo gira ao seu redor, doar para receber não faz parte do seu *script* e sim receber, mas caso doar, será pouca coisa e ainda quando for preciso, os materiais serão de segunda mão.

O reaproveitamento é bom, é da hora, mas se deixar o pão-duro reaproveita até a sujeira de um dia para o outro.

O pão duro é aquele sujeito que se sujeita a lhe visitar (próximo ao meio-dia) e de quebra fila um almoço. Óbvio que nunca leva nada junto para compartilhar, pois você é o generoso e não ele.

Para completar, quando você ousa visitá-lo e leva um pãozinho fresquinho de presente, ele guarda este e lhe oferece o duro, para fazer jus ao nome que lhe deram.

Muitos consideram este problema como distúrbio, eu acredito, já que tudo que é exagero vira doença.

Abre a mão pão-duro, se não quem vai usufruir dos seus bens são os outros quando você partir para o além, não tem jeito!

Envelhecer sem neuras

Já havia me referido rapidamente em outra crônica sobre a importância da família na vida das pessoas. Volto a esse tema, pois Isabel Allende, a quem tenho profunda admiração, trata em um dos seus livros sobre isso.

A autora chilena nos mostra por meio da trama vivida por seus personagens que no decorrer de nossa existência aspiramos e privilegiamos a algumas coisas demasiadamente, dentre elas o trabalho, a fama e a ambição, mas, em determinado momento de nossa vida, percebemos que nada disso importa se não tivermos uma família que amamos. Se conseguirmos conciliar desejo e família no desenrolar das fases da vida, melhor será quando chegarmos à terceira idade.

Muitas vezes ficamos sabendo de casos de idosos que ao se depararem com a idade avançada ficam cheios de remorsos, arrependidos por não terem acompanhado o crescimento dos seus filhos ou não ter compartilhado momentos importantes da vida destes. Isabel Allende demonstra isso perfeitamente na literatura, apontando o trajeto de personagens que entre qualidades e defeitos querem ascender na carreira, atitude que não crucificamos, afinal quem de nós não deseja isso? Porém, o perigo acontece quando se faz de forma desmedida. Assim, muitas pessoas chegam ao final de sua vida tentando reconquistar o seu maior bem: os familiares, pois se dão conta de suas fragilidades e de que o poder já não é mais prioridade. Isso não acontece apenas na literatura, é real. Porém, qualquer semelhança com fatos reais será mera coincidência...

Pular etapas

Queremos a todo custo, muitas vezes, que as coisas passem mais depressa. Vamos aprender a andar de bicicleta e já queremos participar de campeonato, começamos o ano e queremos logo a virada só pelos fogos coloridos, chegamos à praia e desejamos que chegue à noite para caminhar ao luar quilômetros pela areia, iniciamos a construção de uma casa e ficamos preocupados onde colocamos o vaso que era da tataravó.

Saboreamos o café pensando na janta que vai rolar na casa de um amigo. A geração atual, então nem se fala, tudo é para ontem. Aliás, muitos iniciam o trabalho e logo já querem saber da promoção. E o que dizer das crianças, vivem o mundo de adultos, participam da preocupação desses (pois como criança fica na sala-escuta tudo, vê tudo e fala tudo), querem crescer logo.

Vários estudantes preferem completar dezoito anos e realizar o ensino médio oferecido em apenas um ano do que fazê-lo em período normal. Há descompasso em nossos desejos, confusões daquilo que realmente queremos, estamos no verão e queremos logo o inverno e vice-versa.

Para piorar a situação quando queremos pular etapas aí sim parece que passa mais devagar, é o tempo psicológico entrando em ação.

Quer saber como funciona a Guerra?

Não, isso não é um convite para você sair guerreando por aí, apenas compartilho com você a leitura de “O homem que venceu Auschwitz” de Denis Avey e Rob Broomby. Neste livro há relatos sobre quem vivenciou a Segunda Guerra. Diferentemente de um filme, pois as cenas de guerra você vê de forma rápida, não dá tempo para refletir. No livro, você fica imaginando as brutalidades que aconteceram, as dificuldades para sobreviver e de quebra torce para que nenhum familiar seu precise passar por isso um dia.

Diria um livro bom e principalmente as “cenas de terror” presentes mostram o quanto precisamos agradecer pelo que temos, pois, ali verdadeiras cenas de tortura desfilam pelas páginas, onde cada um tenta sobreviver e mesmo assim há um gesto enobrecedor e corajoso por parte do protagonista: em determinada parte do livro quando ele passa a ser prisioneiro de guerra, troca seu uniforme britânico pelas vestes listradas de um prisioneiro judeu a fim de ver como era a vida miserável que passavam. Após, por diversas vezes repete o ato, com o intuito de proporcionar ao colega uma noite um pouquinho melhor.

Entre dificuldades e deslocamentos para enfrentar a guerra, você deseja enquanto vai lendo que o livro termine para se livrar das cenas, na esperança de que as pessoas envolvidas sobrevivam e que a guerra acabe. E sabemos que sempre fica resquícios no Pós-Guerra que amenizam com o tempo, mas não somem, isto é guerra meu irmão!

Dorme nenê...

Hoje me deparei com uma cena que fazia tempo não via. Alguém caindo de sono na minha frente. Não era qualquer pessoa, mas um médico, falava comigo e bocejava, não raciocinava direito, se perdia nas coisas que dizia, tive que ajudá-lo a concluir as palavras. Pobre vítima de trabalho noturno, deve ter tido um plantão daqueles. Se fosse conhecido meu, diria para ir dormir, de nada adianta estar ali de corpo presente, mas como não era...

Já havia passado por essa experiência com um professor, este também trocava o dia pela noite (segundo a superstição quando criança faz isso é preciso virar o pijaminha do avesso, quase sugeri a ele) e na tarde que foi conversar comigo sobre um projeto que eu estava desenvolvendo, ele só bocejava. Mas este fez pior, dando uma aula, começou a fechar os olhos (estava sentado) e deu uma cochilada, seus pensamentos não fluíam. Pobre próximo!

É, ninguém segura o sono, já viajei à noite no banco de carona e me bateu o sono, tentei de todas as formas reagir, jogar água no rosto, falar, mas não adiantava, quando via estava cochilando.

Muitos acidentes ocorrem devido aos motoristas não dormirem o suficiente, não adianta forçar o organismo.

Mas o médico dormir na minha frente, difícil digerir essa.

Resistência

A maioria das palavras são polissêmicas, isto é, apresentam vários significados. É o caso do termo resistência. Temos resistência (no sentido de uma força que se opõe a praticar determinados atos) a muitas coisas, como a tecnologia, novo emprego, mudanças, contato com pessoas desconhecidas (ou fazer novos amigos). O oposto desta resistência é a coragem.

Mas também temos resistência (suportar, controle) ao consumismo, a moda e se realmente desejamos, resistimos a vários alimentos e bebidas. Resistimos ao calor, ao frio, ao erguer peso de determinados objetos.

A resistência faz parte de nossa história. Muitas empresas resistiram às dificuldades, estavam à beira da falência e hoje estão mais fortes que antes. Muitos soldados resistiram às lutas. Vários partidos políticos resistiram às pressões e hoje continuam firmes. Muitos exilados resistiram às repressões, dentre eles Caetano Veloso: “Por que não, por que não...”

Será que estamos resistindo ao que deveríamos resistir por nos causar danos e tendo força para não resistir ao que é saudável para a nossa vida?

A palavra é...

SELEÇÃO!

Calma, não vou falar de futebol, embora tenha algo a ver.

Tudo na vida passa por uma seleção; selecionamos e somos selecionados.

Enquanto bebês, nossos pais tinham a incumbência de selecionar tudo para nós: a comida, roupas, brinquedos. Já maiores, nós mesmos selecionamos esses itens.

Hoje, podemos e devemos selecionar nossas amizades, os lugares que desejamos conhecer, os programas que pretendemos fazer, os livros que queremos ler, a faculdade que desejamos cursar. Para selecionarmos nos apoiamos em experiências que tivemos, algumas opiniões dos outros, sendo nossa a decisão de escolha por este ou aquele caminho.

Se porventura, descobrirmos que uma de nossas escolhas não deu o retorno desejado, precisamos reavaliar o que erramos para procurar melhorar numa nova seleção.

A vida é uma eterna busca e se não aprendermos a selecionar, “elementar, meu caro Watson” estaremos fadados ao labirinto.

Geração “Z”

Sei que hoje não é o dia dos pais, também está longe o mês de comemorá-lo, mas a ideia da crônica surgiu de uma conversa...

Sempre dizem que a menina é mais apegada com o pai e o menino com a mãe, mas como toda regra tem exceção, a minha família se inclui nessa.

Outro dia eu e meu filho (10 anos) estávamos conversando enquanto jogávamos online... Ele então começou a fazer algumas considerações. Falou que embora ele estivesse na minha barriga quando bebê, ele e o pai deveriam estar ligados por antena via satélite porque já eram modernos e o pai é muito inteligente. Após isso, despejou sucessivamente uma série de qualidades ao pai e disse terem uma conectividade muito grande...

Prosseguiu falando que tem uma rede de arquivos embutida no cérebro e complementou dizendo que ele e o pai se entendem até por códigos. Explicou melhor para que não ficasse nenhuma dúvida: é como se tivessem uma rede Wi-Fi (roteador sem fio), como se pesquisassem um o interior do outro e o pai fosse a placa mãe. Constatei então, que nesse caso a placa deveria se chamar PAI!

Nesse instante, percebi que se eletronicamente havia uma concorrência, sinto que perdi em disparada. Nossos filhos estão se tornando cada vez mais virtuais, diria “avatar”.

Fiquei pensando, não que eu seja uma péssima mãe, acho até que me incluo no rol das mães esforçadas, mas o guri eletronicamente não quer ser “filho da mamãe”.

Disso concluo que daqui a pouco a perguntinha que nos faziam quando éramos crianças “você é mais do pai ou da mãe?” será substituída por “você é do ultrabook, smartphones, Zenbook, MacBook Air” e quantos outros forem lançando...

É a poderosa geração Z, com pessoas nativas digitais, extremamente familiarizadas com tudo que diz respeito a tecnologia. Já li matéria sobre esta geração, a qual mostrou que a grande nuance dessa geração é zapear. Daí o Z. Essa juventude muda de um canal para outro

da televisão, vai da internet para o telefone, do telefone para o vídeo game e retorna novamente à internet. Esta turma não concebe o planeta sem computador e celular. Influenciados pela velocidade dos aparelhos eletrônicos, é natural que tenham uma visão de mundo por meio da tecnologia.

Diante de tanta rapidez e facilidade de acesso, resta-nos ajudá-los a separar o joio do trigo, e esta, com certeza, não é uma tarefa veloz!

Obs. Esta crônica foi escrita a cinco anos atrás, mas achei legal publicá-la aqui.

A medida certa

Geralmente medimos as pessoas e as circunstâncias pela quantidade... Aliás, a maioria das pessoas gosta de ser caracterizada pela quantidade. Como assim?

Nas escolas, mas especificamente entre os estudantes, a concorrência está em saber **o número** de seguidores nas redes sociais, pois a teoria é a de que quanto mais seguidor você tem mais popular você é.

Numa roda de jovens, o troféu vai para... a **quantidade** de garotos ou garotas que “já pegaram” ou, ainda, **quantos** litros de coca-cola tomaram no final de semana.

Na religião, **quanto** mais você rezar, mais seu pedido será atendido.

E o pronome relativo *quanto* se repete no vestibular: quanto **mais** você estudar, mais chances terá para passar.

Se a pessoa tiver pouca idade, **mais e mais** terá a aprender, já com a idade avançada, mais tenderá a ensinar.

Quem tem muito dinheiro **tem a tendência** de fazer mais dinheiro (eu disse “tem a tendência”, mas nem sempre isso ocorre).

O rapaz tem **2 metros**? Legal, deverá ser jogador de basquete!

Quantos gols o atacante do time de futebol **já marcou**? Perfeito, então ele deve ser considerado o melhor jogador do planeta!!! (mesmo que o jogador meio-campo tenha o melhor desempenho, em se tratando de bola no pé, o ídolo é quem marca os gols!).

Nasceu uma menina, a criança é **muito, muito** linda? Os avisos chegam de toda a parte: não **perca** tempo mamãe, corra atrás do empresário Dilson Stein, pois está a caminho a sucessora de Gisele Bündchen!

E se escutar os conselhos de alguns amigos, aí vai longe: O quê? Você não jogou 1000 rosas de um helicóptero para o (a) seu (sua) amado (a)? Não tentou ir ao Programa do SBT declarar o seu amor ao vivo e em cores? Não enviou nenhum vídeo ao seu “Love” de você fazendo

uma dancinha do *hit* do momento? Há meu (minha) amigo (a), então você não o (a) ama o **suficiente!**

Transformamos a vida numa matemática, o dia-a-dia é composto por *cálculos* é só você observar, mas o importante é que o *resultado* disso tudo seja ocasionado do uso da medida certa de julgamentos, pois trabalhamos com *probabilidades*.

E pensar que uma grande *porcentagem* de nós ainda acha que estamos absolutamente corretos! Que dó, que dóóóóóóóóó!!!!!!!

Vítimas ou culpados?

Fazemos parte da geração sedentária, embora as campanhas de conscientização para melhorar a qualidade de vida tripliquem.

Começamos pela infância. Seguidamente vemos crianças a passear em carrinhos elétricos, os quais não necessitam o mínimo esforço, pois a modernidade fez com que os pais substituíssem as antigas motocas.

Seguimos na adolescência, em que a procura é por televisores cada vez maiores com assinatura a cabo, verdadeiros cinemas em casa, onde os jovens assistem filmes confortavelmente num sofá que muitas vezes torna-se cama, pois atravessam a noite toda. A única ginástica que fazem é abrir a porta para pegar a pizza já pronta recebida da entrega!

Chegamos à idade adulta e com esta vem o trabalho. Não há como negar a importância da tecnologia em nossa vida (até nos perguntamos como vivíamos sem ela), pois o e-mail e o *WhatsApp* facilitaram muito a comunicação. Assim nos tornamos acomodados de tal forma que para trocarmos uma informação com o colega da sala ao lado, não nos levantamos da cadeira para nos dirigir até ele, transmitimos a mensagem eletronicamente.

Esperamos ansiosos a chegada do final de semana para resolvermos esse problema de sedentarismo, só que a coisa por vezes piora. Nosso passeio em vez de ser no parque é no *shopping*, com escada rolante! Antes disso, descemos o elevador do prédio e abrimos a garagem pelo controle a fim de tirar o carro. E por falar em carro, os mais sofisticados praticamente fazem quase tudo por nós. Começando pela simplicidade com que se abre a janela, não há necessidade de girar manivela coisíssima nenhuma, basta apertar um botão e num passe de mágica tudo se resolve. Também não precisa esticar o braço para ligar o rádio nem tampouco pegar o telefone para atender ou efetuar uma ligação, a mocinha eletrônica se encarrega disso, basta executar o comando de viva-voz. Procurar cidades num mapa, para quê? Temos

GPS para isso. É inacreditável, por meio de uma câmera instalada, alguns carros estacionam so-zi-nhos.

Observamos também que pessoas trocaram a bicicleta de passeio pela moto ou o carro, a bola de futebol pelos games, o tanque de lavar roupas pela máquina elétrica de lavar, a vassoura e o rodo pelo lava jato dentre outros mais...

Mas nem tudo está perdido. Existem os persistentes ginastas, firmes e fortes que praticam esportes. Junto a eles só que na versão mais simples 1.0 os corredores de plantão e os caminhantes de asfalto na tentativa de queimar calorias.

Ok, agora é você quem decide: quer ser vítima ou culpado desse comportamento sedentário da vida moderna?

Medo por quê?

A cada campanha de vacinação vemos cenas de crianças aos prantos por uma simples gotinha que pinga em sua boca. Com isso fiquei pensando e refletindo sobre o medo. Como pode uma mera gota causar tanto sofrimento a uma criança? Creio que uma das respostas estaria relacionada a alguns pais que ameaçam seus filhos: “Se você não comer tudo terá que tomar gotinha”. Ainda outros aprofundam a ameaça: “Vou chamar o tio da injeção se você não obedecer.”

Outra hipótese para responder ao meu questionamento acima estaria talvez ligada a coisas estranhas e diferentes do cotidiano que nos causam certo temor, isto é fato. Esses medos que sentimos vêm quase sempre ligados a dor e ao sofrimento, por isso instituições da saúde geralmente são as primeiras a nos causar receio.

Estão guardados em minha memória todos os passos que se sucediam ao ir ao dentista quando criança: chegando ao local, o portão de entrada rangia e na sequência a recepcionista convidava para se dirigir a sala de espera onde aquele cheiro vindo do consultório me arrepiava. A situação se agravava quando o dentista abria a porta do consultório e dizia: “o próximo”. Confesso que levada pelo temor daquele momento queria que minha vez não chegasse nunca. Quando chegava a vez, pedia para que o odontólogo me mostrasse cada ferramenta que usaria para o procedimento; tortura para mim e para ele!

Atualmente torna-se mais difícil sentir pânico de um jaleco branco, pois médicos, dentistas, enfermeiros e outros profissionais ligados a esta área da saúde desenvolvem um trabalho com os pacientes a fim de tornar a visita aos consultórios mais tranquila.

Mesmo assim, resquícios de minha infância, quando “visito” esses consultórios ainda sinto certo receio e vou logo dizendo que não é nada contra o profissional, mas preciso de muita anestesia!!! (bom seria se esta fosse aplicada em gotinhas!)

E você tem medo de quê? Não vá dizer que é do Zé gotinha, vai?

Pretexto para falar da vida

Fios vão se tecendo e compondo o tecido e que belo tecido dessa trama!

Um lugar ao sol (Thrity Umrigar), vai compondo a história de cada personagem que fará parte no final do livro de um álbum que mostra o antes e o depois. A vida passa tão rápido, cada pessoa de uma mesma cidade, de um bairro específico, de um prédio denominado Bombaim viveu muitas coisas boas e ruins e viu este bairro crescer, inclusive os perigos que chegaram com o passar dos anos. Mostra-nos que estar com as pessoas queridas nos fazem bem e essas estarão para sempre conosco e o resto, há o resto...

Com defeitos e virtudes, compartilhamos situações com muitas pessoas durante a nossa vida e muitas delas inclusive nem lembramos mais. Emociona pensar que a vida passa rápido e um dia estaremos, quem sabe, na mesma situação (muitos já estão assim) admirando o tempo de sua juventude, percebendo como envelheceram, portadores de uma bela idade, cabelos brancos, dores aqui e ali, amigos em situação semelhante, mas que isso aconteça sem que percamos o nosso olhar jovem, que mantenhamos a mesma vontade de viver com qualidade, aproveitando cada minuto que nos é concedido.

Um brinde a vida!

Os que incomodam que se retirem...

Eu definitivamente não gosto de incomodar os outros.

Num dia desses estive numa sala de espera e ao meu lado havia uma moça desconhecida a qual me pediu que eu lhe alcançasse a revista que estava ao meu lado. Tal gesto não me aborreceu em fazê-lo, mas eu não conseguiria ter a mesma atitude da mocinha, levantaria e pegaria a revista.

Não me sinto bem se tiver que atrapalhar a rotina de alguém ou de alguma forma ter que pedir ajuda.

Admiro as pessoas que envelhecem e mesmo diante das dificuldades, não querem atrapalhar. Em compensação há indivíduos sem desconfiômetro, esperam que os outros façam tudo por eles.

Acrescento que há muitos incômodos os quais dizem respeito a certas atitudes que somos obrigados a presenciar (ninguém merece!): sujeitos que passam com volume do som alto em plena madrugada, aqueles que ligam o ar condicionado ao extremo numa sala dividida com mais pessoas, vulgaridade desmedida, motoristas fazendo barbáries no trânsito.

Você talvez possa pensar que é preciso compreensão diante de certas atitudes. Concordo desde que as mesmas não invadam e perturbem a privacidade do outro.

Assim, respira, relaxa, tenha fé que um dia elas cairão no real, enquanto isso vá seguindo ao embalo da música do Gabriel Pensador:

“Confie em mim que no fim dá tudo certo

Se ainda não deu certo é porque ainda não chegou ao fim!”

Tudoooo de bom!

Sem dúvida você redigiu em algum momento de sua vida escolar um relato sobre a família. Para o papel belas palavras eram rabiscadas sobre o desempenho de um e de outro. Nesse instante “o bicho pegava”, tínhamos que ser precavidos à medida que apresentávamos nossos familiares, pois contar detalhes era a oportunidade que faltava para que alguns colegas pentelhos se esbaldarem as nossas custas. Sarro de um, segredo revelado a outro, o fato é que já sabíamos o destino que o texto teria, não tínhamos escapatória: ou deveríamos ler em voz alta ou seria afixado no mural da sala. De qualquer forma estaríamos expondo nossa intimidade que até então se encontrava trancada a sete chaves. O som do nosso nome ecoava ao ser pronunciado, era chegada a nossa vez (sabe aquele pavio prestes a explodir?).

Escrever nos revela, você sabe disso. Não tenho pretensão aqui de pedir para você um texto descrevendo seus familiares nem tampouco que abra seu coração sobre relacionamentos. Apenas passei para dividir com você a minha alegria em receber aqueles a quem já dediquei meus textos escolares em alguns momentos de minha vida, os quais estarão aterrissando neste final de semana nesta cidade.

Sejam bem-vindos queridos familiares, faremos um *tour* por aqui!

“Creio que nossa vida não vale a pena sem a nossa família”, frase sugestiva... Que tal iniciar um texto escolar assim?

Unindo o útil ao agradável

Nova estação, que beleza, não suportava mais o frio. Aliás, sempre queremos a chegada da nova estação. Quando está quente, basta nos encontrarmos com uma amiga e dizer: Nossa, não aguento mais esse calor! Termina o verão e começa o inverno, então, esperamos ansiosamente para o verão, pois é nesta temporada que tudo queremos fazer: dietas, academia, caminhadas...

No início do mês de novembro chega o calorzinho (que a cada ano está diminuindo, parece que o ano tem 10 meses de inverno e dois de verão) e começamos a caminhar desfrutando as belezas da natureza, aproveitamos para respirar o ar puro e apreciar as paisagens da cidade, dos bosques, as maravilhas que recebemos e que não nos custam nada. Além disso, este é o momento de tentarmos gastar tudo aquilo que consumimos no inverno.

Estas caminhadas nos trazem muitos benefícios, pois nos sentimos com mais energia, encontramos amigos e conhecidos, convidamos para nos acompanhar nas caminhadas as pessoas que gostamos, algum colega, o namorado, marido, e ainda de quebra colocamos os assuntos em dia.

Muitos aproveitam para um flerte (e por que não?). Há quem prefira caminhar escutando uma musiquinha, que legal, só cuidado para não ser atropelado!

Na volta, tomar uma cervejinha, um suco, torna-se uma ótima opção, já que no outro dia manteremos o nosso propósito de caminhar. Uma pausa para um sorvetinho também não faz mal a ninguém. Mas prometa: um copo de cerveja ou um sorvete, os dois juntos não!! É proibido repetir a dose, caso contrário seu propósito de caminhada vai por água abaixo!

Em clima de festa

Adoro esta época, pois percebo que as pessoas estão mais felizes. Precisamos de mais “natais” durante o ano em nossa vida, a fim de deixá-la mais leve, pois a esperança depositada nesse período natalino deve ser estendida durante o ano inteiro.

Não é preciso esperar que o natal se aproxime para nos motivarmos ou ganharmos uma energia extra, necessitamos sempre acreditar em melhorias e seguir progredindo em busca de nossos ideais, pois a cada passo que damos, mesmo que não tenhamos sido bem-sucedidos precisamos nos dedicar novamente com toda energia e da mesma forma de quando iniciamos.

E é com essa expectativa que peço para você aproveitar este natal da melhor forma possível, lembrando que o comércio a cada ano está inovador. Uma prova consumista disso é o brinquedo e bonequinho Papai Noel, ele está tão diversificado, em inimagináveis cores e fazendo muitas tarefas radicais. Este Papai Noel moderno gosta de adrenalina: ele escala, dança, pula, canta pagode, enfim, ele é muito esperto!

Com esse espírito rebelde do bom velhinho desejo provocar a transformação em vocês, assim, faça com que o natal esteja presente em cada dia do próximo ano, acompanhando a evolução que acontece com os símbolos que representam este período, mas sem perder o espírito natalino, com muita energia e surpresas!

Feliz natal mano, tá ligado?!

Voltando pra casa

Escrevi esta crônica enquanto retornava da viagem de final de ano. Encontrava-me no Balneário Camboriú e por praias aos arredores de Florianópolis. Acredito que muitas pessoas passaram o final do ano longe de casa. Você me dirá que o tempo neste último final de ano não foi propício para a praia, pois estava friozinho e chuvoso, mas para mim não fez diferença, já que não gosto de ficar exposta ao sol, fiz isso durante muitos anos.

Percebi que não sou a única a aderir a uma boa “sombra e água fresca”, pois me deparei com mais branquelas pela areia, que assim como eu, gostam de caminhar à beira mar, acordar cedo, exercitar-se, sair e curtir a vida com a família.

Posso dizer que a praia é o lugar mais democrático que existe, porque há liberdade de expressão, mesmo que isso signifique expor as suas imperfeições. Não se percebe as diferenças sociais, econômicas e todos vestem o mesmo “uniforme”: biquíni, sunga.

Com certeza, é muito bom viajar, relaxar, mas também é gostoso voltar para casa.

Independente do que você faça neste período desejo que tenha **ÓTIMAS FÉRIAS!**

Eu e eu

No consultório uma vovozinha deu-me subsídios para este texto. Cansada, suando por ter caminhado no sol, a velhinha acomodou-se enquanto a sobrinha tomava as providências com a atendente.

Ali sentadinha (temos a mania de nos referirmos de forma infantilizada aos velhinhos já que parcialmente assim se tornam) a vovó começou a divagar em seus pensamentos e os colocava para fora, ou seja, falava sozinha, murmurava.

Identifiquei-me com ela, calma querido leitor, não sou velhinha ainda, mas em determinados momentos também falo sozinha, vai dizer que você nunca fez isso?

Muitas pessoas tomam decisões na rua, pois enquanto caminham falam baixinho com elas mesmas. Já encontrei pessoas rindo sozinhas, gesticulando. Há outras que xingam, falam tudo aquilo que pessoalmente não puderam falar (e olha que não beberam uma gota de álcool).

Aquele momento é o encontro de si mesmo (a), não se percebe nada nem ninguém ao redor e para nós meros espectadores quando visualizamos tal cena, achamos ser caso de internação. Pobre velhinha, pobre de nós!

Fugaz

Realmente tudo nesta vida é transitório. Nós somos a prova disso. A cantora Marina Lima já dizia em sua música “Tudo em você é fugaz”.

A solidão, que muitas vezes nos aborrece e passa, pode ser exemplo de que circunstâncias são passageiras. Entretanto, para que esse estado de isolamento vá embora é preciso esforço e o vento soprar a favor.

A beleza é fugaz, a notícia, os encontros. Muitas amizades são fugazes. A fama é demonstração dessa efemeridade. O sonho bom é fugaz, já o sonho ruim parece durar a eternidade!

O tempo com sua velocidade torna-se fugidio. As previsões astrológicas e meteorológicas têm curta duração até se consolidarem ou até perderam a graça e a validade.

As brincadeiras são efêmeras, os estilos, as gírias e muitas tribos. Muitas dores são fugazes. Muitos ídolos também.

Várias situações podem ser fugazes para uns e não ser assim consideradas para outros, isso estará sujeito ao modo de interpretação e ponto de vista dos sujeitos.

Diante de tanta fugacidade, lembro do pensamento da primeira mulher eleita à Academia Francesa de Letras: “O presente é um momento fugaz, ainda que sua intensidade faça-o parecer eterno.” Marguerite Yourcenar.

Não sou Rosi, não fui e de repente serei

Assisti a uma formatura e no final desta enquanto me dirigia para cumprimentar o formando entre filas que se congestionaram e pareciam não acabar mais, me defrontei com uma moça que com o olhar espantado e meio sorriso disse: Rosi?!

Eu respondi: não.

Não é a primeira vez que me confundem com alguém, aliás as pessoas adoram me achar parecida com não sei quem de não sei onde.

É estranho, sinto-me comum, não sei se isso é bom ou mau, mas o fato de ser parecida não me torna exclusiva. Sem contar que muitos me chamam de Maristela, Bernardete. Além do mais fiquei imaginando como seria a Rosi da moça que me confundiu. A expressão do rosto da moça o que significaria? Não foi aquele jeito de “Oh que maravilha te encontrar Rosi!” Deixou dúvidas.

Talvez eu tivesse que ter entrado no jogo e acenado com a cabeça concordando que eu era a dita Rosi, só para ver no que isso daria. Mas só mexeria a cabeça, pois pela voz provavelmente ela perceberia não ser eu a bendita Rosi.

Sempre que precisei mudar meu nome por alguma razão dizia me chamar Cláudia, creio que Rosi, assim tão espontâneo que surgiu da moça agora, ofereceu uma nova opção de fuga quando preciso.

Recado para as que já me confundiram, para a amiga ou conhecida da Rosi: Posso ser muitas desde que não fique no prejuízo!

Vícios

Muitas pessoas têm vícios, não falo apenas de drogas, cigarros, bebidas alcoólicas, mas também se incluem na listinha aqueles tipos de vícios que aparentam não trazerem prejuízos, porém sabemos que tudo que é excesso pode ser prejudicial.

Algumas pessoas são viciadas em carro, vivem de concessionária em concessionária pesquisando modelos de carros e fazendo teste drive, outros fazem coleção e trocam frequentemente de veículo.

Várias pessoas são viciadas em roupas, não podem passar em frente a uma loja sem dar uma provadinha básica ou levar alguma coisa, mesmo que por vezes desnecessárias.

Há um vício comum entre as mulheres e a este não me estenderei: a necessidade de comer doce, prefiro não comentar...

E a internet, não vicia? Com certeza, assim como jogos, celular...

Já vi jovens viciados em coca-cola, loucura, tomavam pela manhã, tarde e noite. Pobres ossos...

Conheço pessoas que jogam na loteria toda semana faça chuva ou faça sol (hã, hã, se identificou com esse, hein?!).

Há viciados considerados completamente doidos, mas cada louco com sua mania! É como dizem: Vício é um hábito que prometemos controlar, mas que nos controla.

Você quer saber qual é o meu vício? Sou viciada em escrever, ler e doce, mas para esse último entrarei no embalo da gíria dos adolescentes “só que não”!

O que significa...

Rotina, rotina, se fala tanto nela e dela. Ninguém gosta de rotina quando é ruim. Fala para uma Margarete tomar sorvete todos os dias, vê se ela vai achar rotina?

Segundo o dicionário “rotina é o hábito de fazer uma coisa sempre do mesmo modo”. Não me importo nem um pouquinho de tomar sorvete sempre do mesmo modo. Aliás isso permitiria não comer escondida de mim mesma...

Dançar, cantar, ouvir música, eta rotina boa! Por favor, quer me castigar, me dê essas rotinas que pedi a Deus. Acrescento, ainda, passeio, loja, todos os dias, que delícia, hein!

O problema é que não desfrutamos nem tempo e nem de dinheiro para essas “rotinas”. Que pena, estava indo tudo tão bem, estava até te convencendo a cair na rotina, desculpa ter estragado.

Que a felicidade vire rotina, não é mesmo Clarice Lispector?!
UAU, ARREBENTOU!

Olha o ano novo aí gente!

“Quero ver você não chorar, não olhar para trás, nem se arrepender do que fez...”

“Este ano, quero paz no meu coração...”

“Adeus ano velho, feliz ano novo...”

Neste ano que se inicia todos desejam muita energia positiva e votos de FELIZ ANO NOVO. Sentimos anseio de inovar, e com esse propósito só almejamos coisas boas, principalmente a felicidade, esperando alcançar o que não conseguimos no ano anterior. Fogos de artifício, superstições, previsões, tudo em prol da busca por uma vida melhor, renovada.

É a época de agradecer, de pedir, de rever e de realizar uma “garage sale”, tarefa comum nos Estados Unidos, que consiste na venda ou doação de objetos que não utilizamos mais, por isso a escolha pela garagem da casa para venda.

Que tal em nossa “garagem interna” oferecermos emoções que temos de sobra, acompanhadas de gestos e atitudes que não nos custam nada no lugar de bens materiais??? Que tal limpamos sentimentos que nos atrapalham e deixarmos nossa casa interior bem arrumadinha?

Esse é o verdadeiro espírito da virada para o ano novo, na qual se espera pessoas mais felizes e realizadas.

Que neste ano você possa planejar, decidir, sair da rotina,
VIVER COM INTENSIDADE.

ÓTIMO ANO A TODOS!

Fora do controle

Há muitas coisas e situações que fogem do nosso controle. Às vezes temos certeza de que o poder de decidir está em nossas mãos, mas basta um detalhe não previsto e pronto: fugiu do nosso controle.

Para exemplificar nada mais nada menos do que escrever, tese comprovada nisso são as minhas crônicas. Em muitas ocasiões penso em escrever sobre um tema e vejo que as ideias vão aflorando e escrevo sobre outra coisa.

E quem nunca se deparou com a situação de estar dentro de um ambiente fechado e não conseguiu controlar a tosse? Em outro momento, programamos um final de semana maravilhoso num lindo parque, reunião de família, com direito a piquenique, mas o tempo não colabora e chove. Viu? Fugiu do controle de novo!

E o sonho, você consegue controlar? E o soluço? E o espirro, um, após outro e mais outro? E as situações constrangedoras? Ao arrumar as unhas com a manicure sente cócegas nos pés, é possível segurar o excesso de risos???

Com certeza, em muitas situações basta nos esforçarmos um pouco mais que o normal e tentar ajustar as coisas mas, por vezes, nem tudo depende de nossa preciosa vontade e por isso é preciso confiar na ajudinha do cara lá de cima!

Opiniões de como controlar situações também não faltam, seja de pessoas, cursos, livros de autoajuda com “receitas infalíveis” e autores que usam e abusam do imperativo: Faça isso, não faça aquilo. E por aí vai...

A 8ª Maravilha!

Estive no último final de semana na Serra Gaúcha e não pude deixar de visitar o Vale dos Vinhedos. Embora a Serra seja um dos lugares que privilégio para as viagens durante o ano, fazia muito tempo que não me dirigia até o Vale dos Vinhedos. A paisagem mantém-se linda como sempre e a evolução nos últimos anos é perceptível com as inovações e ações realizadas pelo homem naquele local. Considero uma maravilha da natureza aqueles parreirais, é impossível sair de lá sem provar um bom vinho ou suco diante do aroma que lá sentimos, além de degustar algumas uvas nos seus grandes cachos.

Realmente, nosso estado é lindo, embora não seja perfeito. Temos consciência de que as coisas bonitas e diferentes agradam os nossos olhos, como o cenário que presenciei no final de semana na Serra Gaúcha. Pena que a visibilidade do RS não se resume as belas paisagens que nele consta, requer muito mais, a imagem que se propaga é outra e pelo visto parece que vai longe, diante das atitudes dos governantes que passam por aqui.

Tomemos a serra como exemplo de beleza, para que transformemos os demais municípios em locais conhecidos e admirados, diante de suas riquezas específicas. Afinal, ainda é possível recuperar o bom e velho Rio Grande, ou não?

Cuidado, cão bravo!

A expressão do título recomenda, isso é óbvio, mas o que me fez refletir sobre ela foi as situações em que temos vontade de ter uma placa semelhante a esta estampada em nós.

Cuidado, estou furiosa=a ligação telefônica passa a vários setores e ninguém resolve o seu problema. *Cuidado, estou sensível*=alguém despejou em você a fúria que estava adormecida nessa pessoa, escolhendo esse dia, essa hora, justamente quando você entrou no estabelecimento, sendo contemplada com o bônus! *Cuidado, estou nervosa*=a decisão era para ontem e a forma que você encontra para pensar é com o auxílio do ataque à geladeira. *Cuidado, estou forte*= isso é para aqueles que parecem ter uma “forquilha” na mão com o intuito de lhe prejudicar e são pegos de surpresa porque hoje você está com tudo. *Cuidado, estou com sorte*=não precisa ser vidente para perceber aqueles que nasceram dotados de tal habilidade. *Cuidado, não estou no meu dia*=para um bom entendedor olhar para as feições basta!

Há, cuidado, o Ministério da boa convivência adverte: O uso indevido das palavras faz mal à saúde, afinal cão que late pode morder!

Vida alheia

Duvido quem nunca tenha escutado conversas dos outros seja por querer ou sem querer. É claro que você pega, diversas vezes, o bonde andando, então escuta trechos. Desses, se fica ansioso pelo desenrolar, pois é como uma série ou um livro feito em capítulos, só que na maioria das vezes você não fica sabendo o final, supostamente imagina.

Em muitas conversas que você escuta e até parece interessante seu desdobramento, passa um carro e se perde parte importante do enredo.

O pior é quando as pessoas se afastam e você fica imaginando o que terá acontecido com a história e a vida daquela pessoa que você provavelmente nunca mais verá e que por minutos compartilhou com ela, mesmo que distante, capítulos preciosos de sua existência.

Com isso o que se percebe é que há muito mais pessoas na situação que a nossa, nos identificamos com a história e não podemos nos intrometer afinal para todos os efeitos não estamos ouvindo nada...

Crer ou não crer, eis a questão!

Hoje, um gato (felino) no asfalto foi a inspiração para a minha crônica. Dizem que gato preto atravessando a rua é mau presságio, e entre comprovar ou não esta dita “crença” preferi disfarçar meu olhar para o ouuuuutro lado! Não sou do tipo “superstição me afugenta quilômetros”, mas também não passo embaixo de uma escada e tenho o cuidado para não quebrar espelhos, pois sete anos para mim é tempo importante, já que não sou nenhuma garotinha!

E como estou na fase adulta, muitas coisas tenho presenciado no decorrer da minha existência, entre elas, amigas supersticiosas ao extremo.

Somos portadores de uma cultura carregada de tradições populares. Lembro-me na infância que as pessoas diziam que a coruja era bicho de mau agouro e seu canto era anúncio de morte, pássaros voando em cima da casa adivinham visitas, se algum talher caía na hora de secar a louça, identificava o gênero de quem viria passear. Por incrível que pareça, algumas vezes dava certo.

E quem nunca viu ou mesmo tem em casa um elefante de costas para a porta contra mau olhado? Quantos bebês recebem pulseirinhas com uma figa para dar sorte (um amuleto que não faltava no kit da minha amiga hiper, mega supersticiosa). E o tal do trevo de quatro folhas? (Obs. Se você já viu me fale, eu nunca vi!).

Durante o mês de agosto muitas pessoas preferem evitar realizar mudanças e casamentos neste mês, pois acreditam em maus presságios. Confesso que para mim é um mês normal e já me aconteceram coisas muito boas neste período do ano. Nada que uma arruda não resolva!

Mas um cuidado aqui outro acolá também não faz mal a ninguém, isso vale para qualquer período do ano. Há, e se você tiver sonhado que ganhou na loteria, por favor, me avise, quero ser sua sócia na hora de jogar, pois segundo a interpretação dos sonhos você terá lucros!

Obs. Quando escrevi esta crônica a qual foi publicada num determinado jornal, obtive o retorno de um leitor, dizendo que carrega na carteira o bendito trevo de quatro folhas. Sorte a dele!

Enfim... Férias!

Estamos num período “nada mal”. O tradicional sombra e água fresca! Estamos em férias. Permita-se neste período conceder férias a tudo àquilo que lhe aborreceu durante o ano. Não procure saber se mais um ministro demitiu-se ou foi demitido. Fique distante de fofocas de celebridades, horóscopo, lista de “fórmulas” para você perder a barriga em dois dias.

Evite saber do novo pseudônimo que poderão lançar para as mulheres no próximo ano a fim de fazer sucesso: será que haverá a mulher feijão, mulher mortadela? Ou quem sabe se for uma gaúcha será a mulher carreteiro? Danem-se, você já foi cúmplice demais das mulheres frutas em anos anteriores. Permita-se não ligar a televisão e se por acaso não resistir à tentação, escolha um programa que lhe faça feliz, não ouse assistir sessão da tarde (para não entrar em colapso), os filmes continuam os mesmos de quando você era criança.

Aceite fazer um programa aparentemente banal, mas mil vezes melhor do que assistir telegenial, cujas notícias sobre violência (em todos os sentidos...) ganham em disparada.

Aproveite as férias com aquilo que lhe dá mais prazer. Muitos curtem as férias comendo, passeando, namorando, dormindo, assistindo filme, tomando chimarrão agregado de um delicioso churrasco. Ir a clubes para rever conhecidos, ficar em casa com a família, na beira da piscina, escutando um som também são boas opções. No meu caso viajar está entre as preferências, embora viaje durante todo o ano... Lendo, lendo, lendo.

Mas não fique se cobrando se algo não sair conforme o planejado (a chuva que caiu e você queria sol na praia, por exemplo) e deixe as preocupações e as regras para o retorno das férias pois você terá o ano inteiro para isso. Este é o momento de relaxar, por isso, esqueça horário, merenda dos filhos, contas para pagar.

Concordo com o autor José Saramago quando dizia que todos sabem que cada dia que nasce é o primeiro para uns e será o último para outros e que, para a maioria, é só um dia mais. Acrescento que muitas

peessoas enfrentam um novo dia como se este fosse o mais importante da sua vida, já outros o encaram como rotina e por isso acabam com ele antes mesmo de começar.

Portanto, aproveite as férias para rever como você está encarando os seus dias, faça um *checap* de corpo e mente, depois de fazê-lo, não deixe esmorecer essa atmosfera de férias que você adquiriu neste período, afinal,na sequência, todos nós merecemos um bom recomeço!

Valorização

Muitas vezes valorizamos as coisas quando faltam, dentre elas: o sono, a aula, um ente querido, a luz, a água, um dente, a água gelada.

Esquecemos de valorizar enquanto temos um vizinho que não nos faz barulho, pois podemos esperar que na saída desse, o próximo vizinho vem com tudo. Deixamos de valorizar uma cidade tranquila, uma pessoa no relacionamento, um churrasco com amigos, um banho, o nariz desobstruído. Sentimos o quanto importante é valorizar a realidade quando passamos por um pesadelo.

Esperamos para valorizar as coisas quando as perdemos, dentre elas o ônibus, a idade, o dinheiro, o tempo, a hora do almoço, a vaga no estacionamento, o cabelo. Deixamos, muitas vezes de apreciar o sol, a chuva.

Esperamos para valorizar as coisas quando passam: palavras ditas ou não ditas, datas comemorativas e a infância.

Porém, é importante reconhecer as pequenas coisas que no dia a dia nos passam despercebidas e que não voltarão mais sejam elas boas ou ruins, depois de feito, muitas coisas podem ter conserto, mas é como um objeto quebrado que depois de colado não ficará exatamente igual.

Sem esquecer, contudo, de valorizar as mudanças gradativas pelas quais passamos e acima de tudo a valorização às pessoas.

Fala aí Fundo de quintal:

“Que é pra valorizar o amor

De quem gosta da gente

Quem fecha com a gente

Em qualquer situação”

Ousadia

Fazendo jus ao título do livro, creio que ousar é bom, é preciso. Diria mais, todos devem permitir-se ousar. Ousar é pensar, mas pensar de forma diferente. Tentar ir além do lugar comum. Arriscar-se.

Ousadia, eu chamaria muitas vezes de petulância, atrevimento. E é por isso que há coragem e tentativa de inovar. Ousar é para os vencedores. E para dar credibilidade ao termo, não poderia deixar de citar personalidades famosas que descrevem o significado de ousadia:

Sêneca descreve bem o termo: “Muitas coisas não ousamos empreender por parecerem difíceis; entretanto, são difíceis porque não ousamos empreendê-las.”

“Pensar pede audácia, pois refletir é transgredir a ordem do superficial que nos pressiona tanto.” Lya Luft:

“Ousar é perder o equilíbrio momentaneamente. Não ousar é perder-se.” Soren Kierkegaard.

“Ousar é enfrentar o medo de cair, não ousar é despencar do último andar e ainda achar melhor que correr o risco”. Davi Khouri.

“...Quem gosta de viver não tem preguiça de reinventar, nem medo de ousar.” Gabriel Chalita.

“Quero aceitar menos, indagar mais, ousar mais. E o resto que venha se vier, ou tiver que vir, ou não venha.” Fernando Pessoa.

Obrigada por ter ousado ler este livro e um brinde a todos aqueles que ousaram e fizeram a nossa história. E para que não haja confusão, o termo é aqui aplicado não com o sentido que se está popularizando de exibicionismo de peito e bu_ _ _ para obter sucesso e idolatria, nem tampouco como aqueles que são denominados de heróis por ficarem confinados 24 horas dentro de um carro, mas como personagens de atitude, que interferiram de forma positiva em nossa evolução.

Abraço, obrigada a todos e até o próximo livro se Deus permitir.



[Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)



Margarete Bin, cronista, Mestre em Letras pela] Unioeste de Cascavel-PR e Professora Universitária. Atualmente reside em Passo Fundo-RS. Apaixonada por leitura e por já ter trabalhado como cronista de jornais, publicou o seu 1º livro de crônicas num desfile de variados temas, fazendo o leitor refletir, rir e se encontrar nas páginas.

De forma descontraída, porém reflexiva e envolvente, a autora estreia seu livro de crônicas diante de tantas situações do cotidiano que merecem um olhar atento e por que não dizer de forma loucamente ousada.

Um convite a todos para ousarem e sentirem-se em casa antes, durante e depois do livro. São mais de cem crônicas que se aproximam do leitor com questões fundamentais e atuais. Lembrando que aqui não tem preconceito de idade, religião, cor de cabelo, amizade, situação financeira, grupo sanguíneo... “Todos devem permitir-se ousar. Ousar é pensar, mas pensar de forma diferente. Tentar ir além do lugar comum. Arriscar-se.” Assim é este livro e esta é Margarete Bin e suas crônicas!

